



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

NAYARA DA SILVA CAMARGO

Língua Tapayúna: Aspectos Sociolingüísticos e uma Análise Fonológica Preliminar

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística. Orientador (a): Profa. Dra. Lucy Seki.

CAMPINAS

2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C14L

Camargo, Nayara da Silva.

Língua Tapayúna : aspectos sociolingüísticos e uma análise fonológica preliminar / Nayara da Silva Camargo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Lucy Seki.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Línguas. 2. Língua Tapayúna. 3. Sociolinguística. 4. Fonética. 5. Fonologia. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Tapayuna Language: sociolinguistic aspects and preliminary phonological analysis.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indians - Languages.; Tapayúna Language; Sociolinguistic; Phonetics; Phonology.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

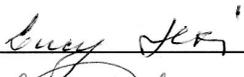
Banca examinadora: Profa. Dra. Lucy Seki (orientadora), Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori e Profa. Dra. Rosane de Sá Amado. Suplentes: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco e Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis.

Data da defesa: 25/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

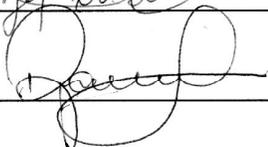
Lucy Seki



Angel Humberto Corbera Mori



Rosane de Sá Amado



Wilmar da Rocha D'Angelis

Frantomé Bezerra Pachêco

Agradecimento

Durante o período de trabalho foram muitas as pessoas e instituições que me ajudaram na realização desta pesquisa.

Agradeço primeiramente ao **povo Tapayúna** que me acolheu muito bem desde a minha primeira visita à aldeia em 2004 e que me ajudou nas mais diversas situações.

Aqui vão meus sinceros agradecimentos aos meus principais informantes e amigos de pesquisa: Nokêrê Tapayúna, Kàtkritxi Tapayúna, Kokotxi Tapayúna, Ôrengô Tapayúna, Wengrôj Tapayúna, Wetxi Tapayúna, Nangra Tapayúna, Manti-i Tapayúna.

Gostaria de agradecer à **minha mãe Maria de Fátima** e amiga por ter possibilitado os meus estudos de graduação e de pós-graduação...

Agradeço á **minha linda Sofia**, minha motivação para tudo que faço na vida, por entender minha ausência em vários momentos.

Agradeço ao **meu pai Camargo** por me apoiar em todas as decisões que tomei, aos meus **irmãos Marussa e Vinícius** que torcem sempre pelas minhas conquistas!

À minha **orientadora Lucy Seki** devo um agradecimento especial, pois sem seu auxílio, sem sua dedicação em me ajudar e sem seus conselhos seria impossível ter terminado esta pesquisa. Além de ser uma professora impar, agradeço à Profa. Lucy pela amizade e ajuda em vários momentos destes três anos em que trabalhamos juntas!

Registro meu reconhecimento à **amiga querida Cleide**, que foi uma grande companheira nessas horas difíceis de final de trabalho.

Aos **meus amigos Kátia, Almir, Emerson, Raynice, Renato** por me apoiarem nos piores e melhores momentos do Mestrado.

À **Maria Eliza Leite** coordenadora do curso de formação de Professores Indígenas realizado pela FUNAI, por fazer tornar realidade a minha volta ao trabalho com os Tapayúna, ajudando-me nos momentos mais críticos da minha pesquisa. Gostaria de agradecer ainda aos professores do Programa de Pós-Graduação da UNICAMP por seus ensinamentos durante as disciplinas.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação do **IEL/UNICAMP** pelos auxílios que possibilitaram viagens para pesquisas de campo e para apresentação de trabalhos em encontros científicos.

À **FUNAI** por possibilitar meu acesso à aldeia, imprescindível para a realização de meu trabalho com os Tapayúna.

Resumo

A língua Tapayúna, objeto de estudo desta pesquisa, faz parte do tronco lingüístico Macro-Jê, família Jê. É falada por um povo de mesmo nome que se localiza no norte do Mato Grosso (MT) em uma aldeia denominada Kaweretxikô. O trabalho tem como objetivos (1) apresentar um levantamento sociolingüístico da língua Tapayúna e (2) realizar uma análise fonológica preliminar da língua. O trabalho inclui uma introdução, três capítulos, conclusão, bibliografia e ainda um apêndice com fotos do povo Tapayúna. Na introdução são apresentados os objetivos, metodologia de pesquisa, fundamentação teórica e informações sobre o trabalho de campo e sobre os auxiliares. No Capítulo I são abordados aspectos históricos e sociolingüísticos do Tapayúna, mostrando-se que a língua sofre uma forte pressão do Suyá e Mebengôkre, proximamente aparentadas. O Capítulo II é dedicado à análise fonética da língua e o Capítulo III, à análise fonológica baseada em teoria linear estruturalista (Pikeana). Na conclusão são resumidos os resultados e previsões de futuros trabalhos sobre a língua Tapayúna. O apêndice contém fotos do povo.

Palavras-chave: 1. Língua Indígena; 2. Tapayúna (Jê); 3. Sociolingüística; 4. Fonética; 5. Fonologia.

Abstract

The Tapayúna language, main object of this study, is part of the major linguistic group Macro-Jê, from Jê Linguistic family. This language is spoken by homonymous people, which can be found in the north of the state of Mato Grosso, Brazil, in a village called Kaweretxikô. The main purposes of this thesis are: 1) to present a sociolinguistic view from Tapayúna language; 2) to make a preliminary phonological analysis of the current language. This study includes: an introduction, three chapters, conclusion, bibliography and appendix, with pictures from Tapayúna people. The introduction section includes the research objectives, methodology of study, theoretical basis and information about the field research and informers. In chapter I we present the historical and sociolinguistic context in which Tapayúna people find themselves, showing the huge pressures from Suyá and Mebengôkre languages, which are linguistically very close to Tapayúna. In Chapter II we present a phonetic analysis of the language and the Chapter III brings up the discussion about the phonology of the language, based on Structuralist linear phonological theory – Pikean method. In the conclusion we present a summary of the results found and show some perspective of work on Tapayúna language. The appendix contains photos from Tapayúna people.

Key words: 1. Indigenous Languages; 2. Tapayúna (Jê); 3. Sociolinguistic; 4. phonetics; 5. phonology.

Lista de Quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 01: Distribuição geográfica das famílias lingüísticas brasileiras | 16 |
| Quadro 02: Localização geográfica das línguas Macro-Jê | 18 |
| Quadro 03: Classificação das línguas da família Jê com base em Rodrigues 1999. | 20 |
| Quadro 04: Exemplos lexicais das línguas Tapayúna, Suyá e Mebengôkre com tradução em Português. | 29 |
| Quadro 05: Dados das línguas Tapayúna e Suyá com tradução em Português. | 30 |
| Quadro 06: Dados das línguas Tapayúna e Mebengôkre com tradução em Português. | 30 |
| Quadro 07: Sons vocálicos orais. | 33 |
| Quadro 08: Sons vocálicos nasais. | 38 |
| Quadro 09: Sons consonantais. | 42 |
| Quadro 10a: Esquema de sílaba constituída só de <i>núcleo</i> . | 57 |
| Quadro 10b: Esquema de sílaba sem <i>rima</i> ramificada. | 57 |
| Quadro 10c: Esquema de sílaba com <i>rima</i> ramificada. | 58 |
| Quadro 10d: Esquema de sílaba com <i>onset</i> e <i>rima</i> ramificados. | 58 |
| Quadro 11: Fonemas vocálicos orais. | 88 |
| Quadro 12: Fonemas vocálicos nasais. | 88 |
| Quadro 13: Fonemas consonantais. | 89 |
| Quadro 14: Exemplos da ocorrência de mudanças de em Mebengôkre e Tapayúna com tradução em Português. | 89 |

Sumário

| | |
|--|----|
| 0. Introdução | 15 |
| 0.1. Objetivos | 17 |
| 0.2. Metodologia de trabalho de pesquisa | 17 |
| 0.2.1. Trabalho de campo | 17 |
| 0.2.2. Informantes | 18 |
| 0.2.3. Fundamentação teórica | 18 |
| 0.3. Estrutura do trabalho | 19 |
| Capítulo I: Aspectos históricos e sociolingüísticos do povo Tapayúna e sua língua | |
| 1. O Tapayúna e as línguas indígenas brasileiras | 21 |
| 1.1. O Tronco Macro-Jê | 22 |
| 1.2. A Família Jê | 25 |
| 1.3. Características gerais de línguas Macro-Jê | 27 |
| 1.4. Histórico do povo Tapayúna | 28 |
| 1.5. Situação sociolingüística dos Tapayúna | 34 |
| 1.6. A situação da língua Tapayúna | 35 |
| 1.7. Estudos sobre a língua | 39 |
| Capítulo II: Aspectos fonéticos da língua Tapayúna | |
| 1. Os sons da língua Tapayúna | 41 |
| 2.1. Descrição fonética dos sons vocálicos da língua | 41 |
| 2.1.1. Quadro de sons das vogais orais | 41 |
| 2.1.2. Descrição dos sons vocálicos e sua ocorrência | 42 |
| 2.1.3. Descrição dos sons vocálicos nasais | 47 |
| 2.1.4. Quadro dos sons vocálicos nasais | 47 |
| 2.1.5. Descrição dos sons vocálicos nasais e sua ocorrência | 47 |
| 2.2. Descrição fonética dos sons consonantais da língua | 50 |
| 2.2.1. Sons consonantais | 51 |
| 2.2.2. Descrição dos sons consonantais e sua ocorrência | 51 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo III: Aspectos da fonologia da língua Tapayúna | 67 |
| 3. Os fonemas da língua Tapyúna e seus alofones | 68 |
| 3.1. Situações especiais | 80 |
| 3.2. Demonstração de contraste entre fonemas | 82 |
| 3.2.1. Fonemas consonantais | 82 |
| 3.2.2. Fonemas vocálicos | 85 |
| 3.3. Os fonemas vocálicos orais e nasais da língua Tapayúna | 89 |
| 3.3.1. Fonemas vocálicos orais | 89 |
| 3.3.2. Fonemas vocálicos nasais | 90 |
| 3.4. Os fonemas consonantais da língua Tapayúna | 90 |
| 3.5. A sílaba na língua Tapayúna | 91 |
| 3.5.1. Estrutura silábica encontrada no Tapayúna | 94 |
| 3.6. O acento na língua Tapayúna | 98 |
| Conclusão | 103 |
| Referências Bibliográficas | 105 |
| Apêndice | 111 |

0. Introdução

Estima-se que das seis mil línguas faladas no mundo hoje pelo menos a metade deixará de existir dentro de um pequeno espaço de tempo. Estudiosos concordam em que o desaparecimento de línguas, embora sempre tenha existido, dá-se atualmente de forma acelerada, devido às condições da vida moderna (Wurm, 1991:1).

Alguns dos vários fatores responsáveis por este declínio abrupto do número de línguas são: a extinção física dos falantes, o incremento do contato entre culturas e línguas de povos minoritários com outros, falantes de línguas e com culturas majoritárias, a influência de fatores econômicos e políticos, responsáveis, via de regra, por atitudes negativas das comunidades em relação às próprias línguas.

O desaparecimento de línguas implica a perda da diversidade, o que por sua vez representa uma perda irreparável para a humanidade. Como colocado por Seki (2007: 17):

Cada língua constitui exemplar único, parte intrínseca da cultura, da sociedade e visão de mundo a que está ligada, e sua perda está associada à perda da cultura e, conseqüentemente, do sistema de conhecimentos que ela reflete e expressa. Sob o ponto de vista lingüístico, a descrição de cada língua permite avançar na compreensão da linguagem humana.”

Diante desse quadro, os estudiosos ressaltam a necessidade de medidas tendo em vista preservar, ou pelo menos, retardar a perda lingüística (Adelaar, 1991: 47; Wurm, 1991: 17). Por outro lado, eles colocam o estudo e a documentação dessas línguas como tarefa necessária e urgente.

No Brasil, país possuidor de uma rica diversidade lingüística e cultural a situação não é diferente daquela esboçada acima.

Os pesquisadores em geral concordam com a estimativa de que no país são ainda faladas 170 / 180 línguas indígenas. Há também um consenso de que este número é em muito inferior àquele de línguas existentes na época pré-colombiana. O notável declínio do número de línguas em terras brasileiras aconteceu principalmente em áreas que foram

colonizadas há mais tempo e mais intensamente, como o Sudeste, o Nordeste e a região Sul do País. Entre as causas da drástica redução dessas línguas indígenas incluem-se as campanhas de extermínio, a escravização, as epidemias, muitas das quais eram difundidas propositalmente (Ribeiro, 1977; Melatti, 1970; Cunha, 1992). O processo de desaparecimento continua em curso, agravado pelo incremento crescente do contato com não-índios e pelo avanço da colonização.

No que respeita às línguas ainda faladas, pelo menos 21% delas estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações (Moore, Galucio e Gabas Jr., 2008).

Assim, a documentação e o estudo de nossas línguas indígenas são tarefas urgentes e relevantes, tanto sob o ponto de vista social, quanto sob o ponto de vista acadêmico. No que respeita ao primeiro ponto, os estudos podem trazer uma importante contribuição no sentido de propiciar a valorização da língua e cultura, aumentar a autoestima dos falantes, e estimulá-los a mantê-las. Quanto ao segundo ponto, a realização das mencionadas tarefas pode contribuir para o avanço da Ciência da Linguagem em geral, para a Tipologia Lingüística e para a Lingüística Histórico-Comparativa.

Os estudos voltados para a documentação e a descrição de línguas indígenas brasileiras têm aumentado consideravelmente na última década seja em termos quantitativos, seja em termos qualitativos. Contudo, a realidade da maioria das línguas nos mostra que ainda há muito a ser feito no sentido de salvaguardar o conhecimento lingüístico dos povos indígenas do Brasil.

O estudo apresentado neste trabalho versa sobre a língua indígena Tapayúna, da Família Jê, Tronco Macro-Jê, a qual se encontra extremamente ameaçada de extinção em decorrência de fatores históricos, detalhados adiante.

Nosso intuito é contribuir para o conhecimento dessa língua e para o povo Tapayúna em sua luta para a preservação da mesma.

0.1. Objetivos

É objetivo principal deste trabalho apresentar (1) aspectos históricos e sociolingüísticos do povo Tapayúna e (2) uma análise preliminar da fonologia da língua. Espera-se que o mesmo possa contribuir para pesquisas histórico-comparativas sobre o Tronco Macro-Jê e mais especificamente sobre a família Jê e, não menos importante, que possa servir como subsídio para o conhecimento do Tapayúna “tradicional”. Com isso espera-se auxiliar os professores Tapayúna na produção de materiais didáticos para suas escolas sem que haja tanta influência das línguas indígenas majoritárias, o Suyá e o Mebengôkre.

0.2. Metodologia de trabalho de pesquisa

0.2.1. Trabalho de campo

A coleta de dados para investigação da língua se baseou nas práticas explicitadas na literatura lingüística acerca do trabalho de campo Kibrik (1977) e Payne (1997):

- Elicitação de dados com informantes;
- Transcrição dos dados;
- Verificação dos dados já coletados e coleta de novos dados
- Processamento e análise dos dados;

Os dados foram elicitados através de questionários previamente elaborados e foram registrados em gravador digital (modelo: H4 next – Handy Recorder) e também em gravador não-digital (RR-US430, Panasonic), em fitas cassetes, as quais foram posteriormente digitalizadas em formato WAV no programa computacional Audacity e foram feitos também os recortes dos dados coletados. Para a verificação da transcrição dos mesmos foi utilizado o programa Praat.

Além disso, fez-se ainda o fichamento de dados lingüísticos através do programa Word.

O uso de fotografias de animais e figuras diversas facilitou a coleta de nomes de objetos e de termos relativos aos campos semânticos de fauna e flora.

A coleta de dados foi feita em trabalho de campo realizado no decorrer de duas estadias. A primeira ocorreu em setembro de 2008, na aldeia Metyktire, na Terra Indígena Kapot-Jarina, Estado do Mato Grosso, e a segunda, em novembro de 2009, na aldeia Piraçu, também localizada na Terra Indígena Kapot-Jarina, próximo à BR-080.

0.2.2. Informantes

Nossos principais informantes nas duas estadias em campo foram: Nokere Tapayúna, com idade aproximada de 40 anos; Wengrôj Tapayúna e Orenô Tapayúna, ambos com aproximadamente 25 anos e Wetxi Tapayúna com 22 anos. Todos eles são falantes nativos da língua.

Na última estadia contamos com a colaboração de falantes idosos, Môtkaçi Tapayúna e Kôkôtxi Tapayúna, esta última narradora de histórias. Trata-se de um casal, com idade aproximada de 50 anos cada, que reside na aldeia Suyá. Eles vieram à Aldeia Piraçu especialmente para participar do “Curso de Formação de Professores”.

Além de dados coletados por mim, tive acesso às fitas contendo dados coletados por Santos (1990-1991) e alguns dados lexicais gravados por Ferreira (2004).

0.2.3. Fundamentação Teórica

O trabalho de análise da fonética e fonologia da língua foi realizado a partir de um ponto de vista linear utilizando os procedimentos de descoberta de Pike (1947). Estes procedimentos serão mais detalhados no segundo capítulo.

0.3. Estrutura do Trabalho

O trabalho é composto de uma introdução, dois capítulos, conclusão, apêndice e bibliografia. A introdução apresenta breve histórico sobre as línguas indígenas brasileiras, comentários sobre o Tronco Macro-Jê, aspectos da situação sociolingüística do Tapayuna, informações de estudos realizados sobre a língua, bem como informações sobre objetivo, metodologia e fundamentação teórica utilizadas no trabalho de pesquisa.

O capítulo I versa sobre alguns aspectos da história e da situação sociolingüística dos Tapayúna.

O capítulo II apresenta uma análise fonética da língua mostrando as características articulatórias e distribucionais dos sons vocálicos e consonantais.

No capítulo III temos uma análise fonológica preliminar da língua com base em um modelo linear utilizando os procedimentos de descoberta de Pike (1947) que serão abordados mais à frente.

Concluimos a dissertação apresentando resultados obtidos da análise realizada, um apêndice e, por fim, a bibliografia.

A seguir serão apresentados alguns aspectos da história e da situação sociolingüística do povo Tapayúna.

Capítulo I

Aspectos históricos e sociolingüísticos do povo Tapayúna e sua língua

1. O Tapayúna e as línguas indígenas brasileiras

As 180 línguas indígenas brasileiras são geneticamente classificadas em famílias e troncos lingüísticos.

Conforme classificação de Rodrigues (1986), essas línguas se distribuem em:

- dois grandes troncos lingüísticos: o tronco Tupi, com seis famílias e três línguas (Mawé, Aweti e Purubora); e o tronco Macro-Jê, com cinco famílias e quatro línguas (Guató, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê);
- duas famílias lingüísticas de grande porte (Aruák e Karíb);
- dez famílias menores (Guaikurú, Mura, Katukína, Nambikwára, Txapakúra, Páno, Tukáno, Makú e Yanomami e Arawá);
- dez línguas isoladas (Aikanã, Arikapú, Awakê, Kanoê, Koaiá, Irântxe, Jabutí, Makú, Trumai e Tikúna).

A distribuição geográfica das famílias lingüísticas existentes no Brasil é dada no Quadro 1, a seguir.

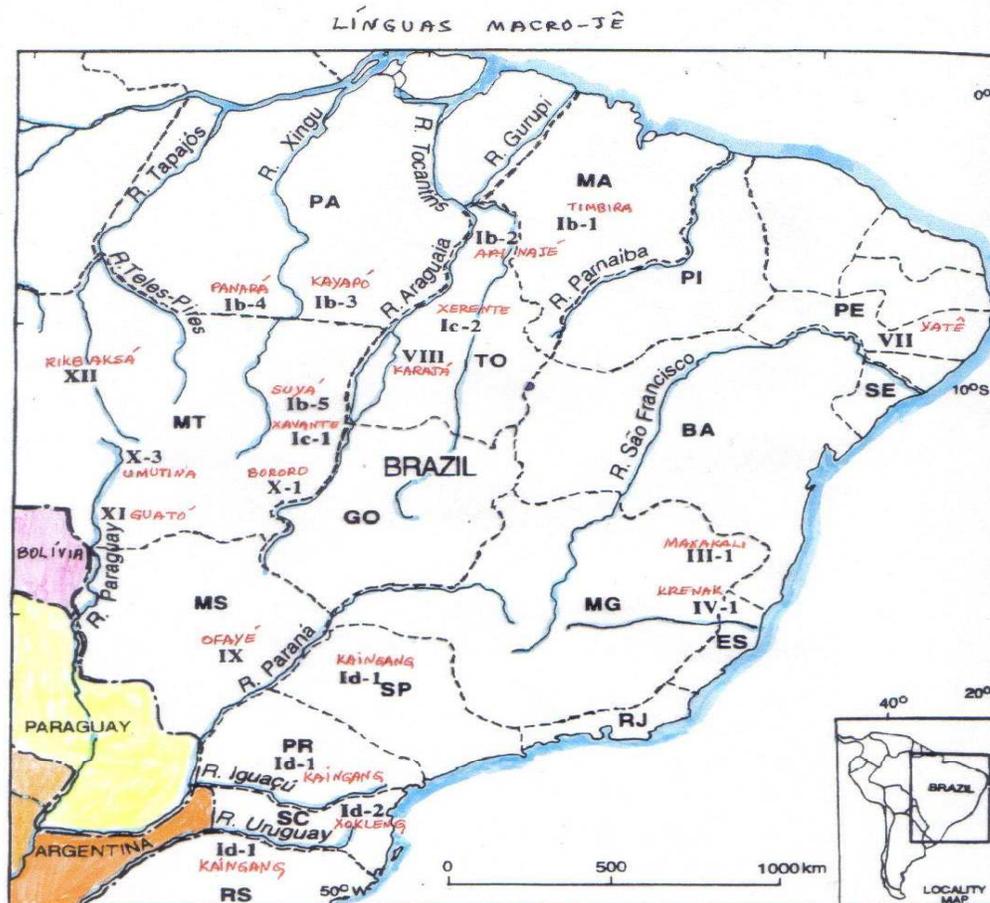
| <u>Famílias</u> | <u>Línguas</u> |
|-----------------|----------------|
| Bororo | Guató |
| Botocudo | Ofayé |
| Jê | Rikbaktsá |
| Karajá | Yatê. |
| Maxakalí | Maxakali |

Em trabalho posterior (RODRIGUES, 1999), o autor mantém basicamente a classificação acima, com algumas alterações. São incluídas três famílias de línguas já extintas (Kamakã, Puri, Kariri), e as línguas Guató, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê são consideradas como famílias.

Seki (2002) apresenta evidências de que o Botocudo (Borum) é um membro da família Jê, e não uma família separada.

Existem várias propostas de classificação de línguas do Tronco Macro-Jê comentadas por Rodrigues: Guérios (1939); Loukotka (1966); Mason (1950); Nimuendajú (1945 [1980]); Greenberg (1987); Kaufman (1990, 1994); Campbell (1997), entre outros. Para um histórico e referências bibliográficas, veja-se Rodrigues (1999).

A seguir temos o quadro com a representação geográfica das famílias sobreviventes do Tronco Macro Jê:



Map 5 Macro-Jê languages with approximate locations

FAMÍLIAS

- | | |
|----------------|----------------|
| I. JÊ | VII. YATÊ |
| II. KAMAKA(t) | VIII. KARAJÁ |
| III. MAXAKALI | IX. OFAYÊ |
| IV. KRENAK | X. BORORO |
| V. PURI (t) | XI. GUATO |
| VI. KARIRI (t) | XII. RIKBAKTSÃ |

OBS.: ADAPTADO DE: DIXON & AIKHEVALD (1999)
 THE AMAZONIAN LANGUAGES.
 CAMBRIDGE, CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS
 1999, p. 164

Quadro 2: Localização geográfica das línguas Macro-Jê. Mapa extraído de Dixon & Aikhenvald (orgs) 1999: 164, adaptado por L.Seki.

1.2. A família Jê

A família de maior porte do Tronco Macro-Jê é a Família Jê, cujas línguas são faladas principalmente em regiões de campos e cerrados, as quais se estendem desde o sul do Pará e do Maranhão, passando pelos Estados de Goiás e Mato Grosso até os campos meridionais dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Um trabalho feito por Davis (1966) constituiu um ponto de partida para estudos comparativos de línguas da família Jê. Na classificação de Davis, baseada em dados de cinco línguas (Apinayé, Canela, Xavante, Kaingang e Suyá), já se encontra a colocação de que elas representam os três maiores grupos da família, a saber: o Setentrional, o Central e o Meridional (SANTOS, 2002, p. 8).

As mesmas divisões aparecem na classificação de Rodrigues (1999, p. 167), abrangendo um maior número de línguas. Esta classificação de línguas Jê vem apresentada no Quadro II a seguir. Foram por nós excluídas as línguas mortas, bem como dados demográficos.

| Jê Setentrional | | Localização |
|------------------------|--|---------------------------|
| | Timbira (incluindo Canela Ramkokamekrã, Canela Apanyekrã, Gavião Piokobjê, Gavião Parakatejê, Krinkatí, Krahô, Krenjê) | Maranhão, Pará, Tocantins |
| | Apinajé | Norte do Tocantins |
| | Mebengôkre (Kayapó) (incluindo A'ukré, Gorotíre, Kararaô, | Pará e Mato Grosso |

| | | |
|----------------------|---|--|
| | Kikretum, Kokraimôro, Kubenkrankén, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrin) | |
| | Panará / Kren-akarôre | Área Indígena Panará (Norte do Mato Grosso e Sudeste do Pará) |
| | Suyá (Tapayúna) | Parque Indígenas do Xingu (Mato Grosso) |
| Jê Central | | |
| | Xavante | Sudeste do Mato Grosso (antigamente habitavam a parte ocidental e norte de Goiás) |
| | Xerênte | Tocantins |
| Jê Meridional | | |
| | Kaingáng (incluindo K. São Paulo; K. Paraná; K. Central; K. Sudoeste; K. do Sudeste) | São Paulo; Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. |
| | Xoklêng | Santa Catarina |

Quadro 3: Classificação das línguas da família Jê com base em Rodrigues, 1999.

Em Rodrigues (1986), coloca-se a hipótese de que as línguas Suyá, Panará (antes conhecida como Kren-akarôre) e Tapayúna (também referidos como Beijo-de-pau) estão estreitamente aparentadas com o Kayapó.

Entretanto, o Panará é a mais diferenciada dessas línguas (DOURADO, 2001), sendo as outras - Kayapó, Suyá e Tapayúna - mais próximas entre si. Observe-se que na classificação apresentada no Quadro 2, o Tapayúna consta como sendo a mesma língua Suyá.

1.3. Características gerais de línguas Macro-Jê

Rodrigues (1999) apresenta características fonológicas gerais de línguas do Tronco Macro-Jê, características estas resumidas a seguir, com destaque para aquelas relativas às línguas da Família Jê.

Com relação ao sistema vocálico o autor afirma que as vogais nasais das línguas Macro-Jê são contrastivas, pois são elas que condicionam as consoantes e nunca o contrário. Um sistema de 09 ou 10 vogais orais e um número menor de vogais nasais é típico de línguas da família Jê.

Os sistemas consonantais das línguas da família Jê geralmente são simples, com uma série de oclusivas surdas (labial, dental, álveo-palatal e velar), uma série de 04 nasais (nos mesmos pontos de articulação) e 03 aproximantes. Algumas línguas também incluem a oclusiva glotal e a fricativa glotal.

Ainda com relação à fonologia de línguas da família Jê, algumas línguas têm variantes complexas (aqueles fonemas realizados por seqüências de sons). As línguas Jê do sul, tais como o Kaingang possuem processos bem diferentes. Uma ocorrência desses sons complexos relaciona-se aos fonemas consonantais nasais que são produzidos em três fases de articulação: [-nasal], [+ nasal], [- nasal] (CAVALCANTE, 1987; D'ANGELIS, 1998). Entre vogais orais, o fonema nasal *n* inicia com uma oclusiva oral [d], passando para nasal [n], seguida por outra oclusiva oral [d], como na palavra *kaner* 'liso', que é pronunciada [kadndere]. Em outra situação, quando entre vogal oral e vogal nasal, apenas a fase contígua a vogal oral é oral, como em *kanẽ* 'olho', pronunciada [kadnẽ]. Nas situações em que ambas as vogais são nasais, a consoante é plenamente nasal, como em *pãñĩ* 'atrás', pronunciado [pãñĩ].

1.4. Histórico do Povo Tapayúna

A língua Tapayúna, língua objeto deste estudo, é atualmente falada por 84 pessoas que habitam a aldeia Kawêrêtxikô–MT localizada na margem esquerda do rio Xingu dentro da Terra Indígena Kapot-Jarina. Além desses, é falada por representantes Tapayúna (número não conhecido) que vivem na aldeia do povo Suyá, denominada Ngôsôgô (MT), situada na Terra Indígena do Xingu.

Aspectos da história dos Tapayúna em períodos anteriores são encontrados em algumas poucas fontes e também em relatos dos próprios índios. As primeiras notícias a respeito dos Tapayúna eram provenientes de outros grupos indígenas e de brancos (seringueiros e seringalistas) que almejavam suas terras.

No mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú (1944 [1981]: D4 e D5) consta registro da presença dos Tapayúna na região do rio Arinos em 1820. Conforme Bossi (1863), no século XIX os índios Tapayúna habitavam a Região do Arinos-MT.

Segundo relatos feitos pelos próprios Tapayúna, a região entre o rio Arinos e o rio Sangue, afluentes do rio Juruena, era o seu território na década de 60. Lá eles viviam em várias aldeias, dentre elas uma denominada Kawêrêtxikô, onde receberiam carne de anta envenenada (cf. adiante). Ainda se encontravam nessa região até o início da década de 70 quando foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu, atual Terra Indígena do Xingu.

Nas palavras de Lea (1997, p. 107), “a história dos Tapayúna se caracteriza como um caso de etnocídio”.

Segundo dados da FUNAI a população do grupo foi calculada em até 1.220 indivíduos na década de 1960, porém Seeger (1981, *apud* LEA, 1997) afirma que era de 400 pessoas. Desta população, somente 41 pessoas chegaram vivas no Parque do Xingu. Logo após a transferência para o Parque, foram ainda registradas 10 mortes de índios Tapayúna, o que reduziu a população para apenas 31 pessoas.

O forte declínio da população Tapayúna deveu-se, principalmente, ao interesse de seringueiros e colonizadores pelas terras onde o povo estava localizado. O avanço dos ‘brancos’ levou ao processo de extinção dos Tapayuna, pois muitos foram assassinados, outros foram mortos por surtos epidêmicos, e outros sofreram envenenamentos. Segue a passagem em que o antropólogo A. Seeger descreve a trágica história dos Tapayúna (SEEGER, 1981. p. 54, *apud* LEA, 1997, p.100):

Durante décadas lutaram contra os brasileiros invasores e como retaliação, sofreram uma série de ataques; suas aldeias foram incendiadas e suas crianças foram mortas. Quando a tribo enfraquecida começou a fazer contatos pacíficos com alguns brasileiros locais, foram alimentados com carne envenenada e morreram muitos membros de um grupo. Por volta de 1968 foram conectados por uma equipe governamental de pacificação. Tragicamente, um repórter levado por um agente da FUNAI, contagiou com gripe alguns dos índios ainda desconfiados. Voltaram para suas aldeias e morreram muitas pessoas.

Os Tapayúna relatam que após a morte de vários parentes por envenenamento, os sobreviventes abandonaram a aldeia e se dirigiram para a margem do rio Arinos. Lá encontraram Antônio Iasi Jr., um padre jesuíta (denominado por eles de *Tahahatxi*) que navegava pelo rio na ocasião. Esse padre ajudou o povo Tapayúna com vacinas contra várias doenças, dentre elas o sarampo, causa de uma epidemia que arrasou, mais uma vez, com a população dos Tapayúna.

Outros detalhes sobre esses fatos encontram-se em um importante, raro e único depoimento¹ do ex. jesuíta, Egidio Schwade, em um texto de 2008, respondendo a afirmações do deputado Mozarildo Cavalcanti. Dada a importância para um melhor entendimento da história dos Tapayúna, reproduzimos aqui o depoimento:

A FUNAI havia sido recém-criada (dez/67) e reinava na sociedade brasileira uma grande esperança de que uma política pró-índio nasceria. Daí a colaboração da

¹ Agradecemos ao professor Dr. Wilmar D'Angelis a indicação deste depoimento.

Igreja com a almejada mudança. Naquele mesmo ano, como estudante gaúcho da UNISINOS, defrontei-me com uma situação muito semelhante, mas com desfecho inverso, isto é, com a morte de centenas de índios. Em janeiro de 1967 descia o rio Arinos, rumo à cidade de Porto dos Gaúchos/Mato Grosso, para fazer um levantamento demográfico. A certa altura os índios, conhecidos como Beijos de Pau, lançaram flechas contra nossa embarcação. Durante o levantamento, descobri que os índios tinham motivos para essa atitude agressiva. Anos seguidos foram vítimas indefesas da agressividade e do preconceito por parte da população daquele município. Um mês depois, na nossa volta, um grupo de Beijos de Pau, se apresentou pacificamente na margem do rio Arinos fazendo gestos para que o barco encostasse. Alguns tripulantes jogaram roupas, enquanto os índios ofereciam cestas e colares. Receosos, temendo que algum irresponsável se aproveitasse dessa situação e fosse contatá-los levando-lhes doenças e encontrando casualmente o funcionário da FUNAI, João Américo Peret, lhe relatei a minha preocupação pelo futuro dos Beijos de Pau. Dois meses depois, quando já se tornara público à atitude pacífica dos índios, a FUNAI encarregou Peret de “pacificá-los”. Na sua primeira entrada, Peret se fez acompanhar de um grupo de jornalistas de Fatos e Fotos e Cruzeiro e com eles fizeram o que denominavam de “pacificação”. Levaram aos índios a gripe. Um dos jornalistas relatou em sua revista, minuciosamente, como tudo aconteceu. Resultado: em dois meses esse povo de aproximadamente mil pessoas estava reduzido a 43. Não ouvi até hoje nenhuma auto-crítica da FUNAI, do Governo e nem a voz de um só senador lamentando esse crime de lesa pátria que custou a vida de quase mil índios Beijos de Pau, no mesmo ano da morte de Calleri e de seus companheiros e companheiras de expedição. Calleri morreu em missão da FUNAI que visava remover o estorvo do projeto da Rodovia BR-174, que foram os Waimiri-Atroari. Os Beijos de Pau morreram inocentes por irresponsabilidade de um funcionário da FUNAI que lhes ocasionou doença fatal. Por outro lado, foi exatamente do desastre desta missão da FUNAI, que surgiu em meados daquele mesmo ano de 1968, o primeiro pedido do órgão à Igreja Católica, constando sob a “Autorização n.1” do presidente da FUNAI, Queiroz Campos, no caso, dirigido à Missão Anchieta, para socorrer os 43 sobreviventes, o que foi feito pelos jesuítas Antônio Iasi, Thomaz de Aquino Lisboa e Vicente Cañas. Graças ao trabalho deles aquele povo não se extinguiu.

(fonte: Mozarildo e a Missão Calleri, por Egydio Schwade. Publicado pela Agência de Informação Frei Tito para América Latina – Adital. Em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=36378>)

Após um longo período de resistência ao estabelecimento de contato, os pouquíssimos sobreviventes Tapayúna, já muito debilitados, foram finalmente “pacificados” e transferidos para o Parque Indígena do Xingu. Esta transferência ocorreu em 1974 (FRANCHETTO, 1987).

Ao serem transferidos para o Parque Xingu, em 1974, os Tapayúna passaram pelo Posto Leonardo Villas Boas e depois foram alocados na aldeia dos Suyá.

Os Tapayúna e os Suyá reconhecem que no passado constituíam um único povo que habitava uma região situada no Norte de Goiás ou no Maranhão (ao norte do Mato Grosso). De lá foram para o Oeste, estabelecendo-se na região do rio Arinos e rio Sangue.

Em um momento ainda não bem determinado, um subgrupo Suyá, também referido como Suyá Oriental seguiu para o leste, descendo o rio Ronuro até o território da atual Terra Indígena do Xingu, passou pelo Alto (região dos formadores do rio Xingu) e se estabeleceu posteriormente no rio Suyá Missu.

O outro subgrupo, conhecido como Suyá Ocidental (também chamados de Tapayúna, Suyá Novo ou Beijo de Pau) permaneceu na região do rio Arinos e rio Sangue.

Conforme estimativas de Seeger (1977) esses grupos ficaram assim separados por cerca de 150-200 anos.

No contato com os Tapayúna, os Suyá logo reconheceram que a língua Tapayúna era como a de seus ancestrais. Os Suyá havia muito tinham assimilado vários traços culturais de povos xinguanos, como o uso de redes para dormir, de canoas, técnicas de processamento de mandioca, entre outros, e tratavam os Tapayúna com uma certa superioridade, pois os consideravam “atrasados”, entre outros por manterem seus antigos costumes.

Ao mesmo tempo, a chegada dos Tapayúna despertou nos Suyá uma tendência de volta às tradições originais.

Consta que posteriormente os Tapayúna abriram uma aldeia em localidade próxima à dos Suyá (FRANCHETTO, 1987, p. 115), permanecendo ainda sob a esfera de influência desses últimos.

Os Tapayúna relatam que no início de 1988 os Suyá mataram Tariri Tapayúna, que era chefe e pajé de seu povo. Tariri havia sido acusado de feitiçaria e de ter causado a morte de um Suyá.

Em decorrência desse fato, muitos Tapayúna abandonaram a aldeia Suyá e buscaram refúgio em outro lugar. Conforme informação pessoal da Profa. Maria Eliza R. Leite, foi-lhes oferecida uma aldeia na região do Jarina, em território Mebengôkre (Kayapó), aldeia esta que estava desocupada, e em que havia casas e roças prontas. Porém eles não aceitaram a oferta, preferindo se estabelecer na aldeia Metuktire, junto aos Mebengôkre. Ali ocupavam umas três casas, próximas entre si, situadas atrás da casa de Raoni, líder Mebengôkre. Durante um bom período de tempo permaneceram amedrontados e retraídos. Deixaram de praticar suas danças e suas festas, passando a participar de danças, festas, caças e costumes típicos do povo Mebengôkre. De fato, os Tapayúna rejeitavam a sua língua e identidade.

Na escola da aldeia Mebengôkre estudavam jovens e crianças das duas etnias (Tapayúna e Mebengôkre). Havia então o empenho no sentido de que os alunos estudassem a própria língua, porém os Tapayúna não aceitaram. Assim, até 2000 eram estudadas duas línguas na escola: o Mebengôkre e o Português, além de outras disciplinas.

Em 1997 foi iniciado o “Curso de Formação de Professores Mebengôkrê, Panará e Tapayúna” promovido pela FUNAI e sob responsabilidade de Maria Eliza Leite², Neste curso um grande empenho era (e é) colocado no trabalho com as línguas indígenas, com assessoria de lingüistas, e na valorização da cultura tradicional. Para isso, o Curso conta com a participação de membros mais velhos e lideranças de cada grupo. Eles narram mitos, falam sobre a história do povo, suas tradições, e também exortam os alunos quanto à importância de manterem sua língua e sua cultura.

² Projeto sob coordenação Maria Eliza Leite que é responsável pelo trabalho de assessoria de educação dentro das aldeias indígenas promovido pela Funai e pelo Curso de Formação de Professores iniciado em 1997.

Convidados a participar no “Curso de Formação de Professores”, os Tapayúna se recusaram, dado que na ocasião eles ainda não queriam se identificar como tais, e assim rejeitavam o trabalho com sua língua, manifestando o desejo de aprenderem o Português e outras matérias relacionadas ao mundo dos não-índios.

Por outro lado, ainda não havia estudos lingüísticos que subsidiassem a elaboração de materiais didáticos para o trabalho com a língua na escola e no Curso. Embora tenha havido coleta de dados da língua em períodos anteriores³.

Esta situação começou a mudar a partir de 2000, quando os Tapayúna manifestaram o desejo de ter um lingüista para assessorá-los no trabalho com a língua. Foi a partir deste ano que o grupo passou a integrar o Curso juntamente com os Mebengôkre e Panará. Nos dois anos seguintes os lingüistas Dr. Ludoviko dos Santos e Marcelo Cazeta de Oliveira, graduando do Curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina participaram como assessores dos Tapayúna. Porém nenhum deles pode dar continuidade ao trabalho.

No período de 2003 a 2006 atuou como assessora lingüística dos Tapayúna a Dra. Marília Ferreira, da Universidade Federal do Pará. Grande parte do trabalho então desenvolvido esteve voltada para a coleta de dados lingüísticos que possibilitassem a elaboração de um sistema de escrita e de materiais didáticos na língua.

Na etapa do Curso realizada em 2007, na ausência da Profa. Marília Ferreira, os Tapayúna foram auxiliados pela Dra. Lucy Seki (assessora lingüística dos Mebengôkre). No trabalho então realizado fez-se a verificação do esboço de um primeiro material didático da língua Tapayúna, constatando-se que o mesmo apresentava muita interferência do Mebengôkre. Foi feito então um grande esforço no sentido de conscientizar os participantes quanto à importância de identificar bem a sua língua em relação ao Mebengôkre e ao Suyá. O material foi corrigido, resultando em um primeiro livro de alfabetização na língua, o que deixou os Tapayúna muito orgulhosos.

Em 2008, por solicitação dos Tapayúna, a assessoria lingüística ao grupo passou a ser feita por mim.

³ Seki, em 1988 e Ludoviko C. dos Santos, em 1991-92.

Atualmente 45 jovens e crianças Tapayúna estão estudando sua própria língua.

Os Tapayúna viveram na aldeia Metuktire até o início de 2009. Já em 2004 falavam em construir uma aldeia própria. Seguiu-se a busca e preparo do local, o plantio de roças. Após a mudança de umas poucas famílias, todos os Tapayúna se transferiram para a nova aldeia. Esta aldeia é denominada Kawêrêtxikô e está situada à margem esquerda do rio Xingu, dentro da Terra Indígena Kapôt-Janrina, não muito distante da aldeia Piraçu, dos Mebengôkre. Neste novo local planejam reunir também os parentes que vivem em Ngôsôgô (aldeia dos Suyá).

Pelas regras de residência vigentes entre os Tapayúna, ao casar-se o homem passa a residir na casa da mulher. Isto acarretou um certo transtorno para homens mebengokre casados com mulheres tapayúna e que não desejavam deixar sua aldeia.

Com a saída dos Tapayúna do Mêtuktire, os Mebengôkre que lá habitavam resolveram também deixar o local e construíram uma nova aldeia que recebeu o mesmo nome da anterior. Assim a antiga aldeia Metuktire deixou de existir.

1.5. Situação Sociolingüística dos Tapayúna

Através de estudos feitos por antropólogos e missionários temos informações de que os Tapayúna eram conhecidos por “Beijos de Pau” por utilizarem “botoque” de madeira no lábio. Hoje em dia apenas um índio, o único pajé antigo que restou utiliza o botoque. Ele e sua primeira esposa formam o casal mais antigo do povo.

O velho pajé é casado com duas mulheres, sendo que a mais velha é Tapayúna e a mais jovem é Mebengôkre. Isto permite levantar a hipótese de que os Tapayúna podiam se casar com mais de uma esposa, como ocorre em várias etnias indígenas. Atualmente, exceção feita ao caso mencionado, os Tapayúna são monogâmicos, assim como os Mebengôkre.

Há vários casos de intercasamento envolvendo Tapayúna e Mebengôkre.

Como mencionado, em acordo com as regras de casamento vigentes entre os Tapayúna, o homem passa a residir na casa do sogro. Devido a esse fator, muitos índios Tapayúna moram em casas de família Mebengôkre, casos em que a língua Tapayúna acaba perdendo espaço, pois os filhos do casal falam a língua falada pela mãe, o Mebengôkre. O mesmo ocorre com Mebengôkre que se casam com mulheres Tapayúna, porém a língua aprendida pelas crianças será o Tapayúna.

O povo Tapayúna desenvolve um projeto de revitalização de sua cultura e de sua língua bastante promissor, o qual já está em prática. Na nova aldeia foi construída uma escola onde as crianças terão aula na língua Tapayúna. Na escola, além dos professores, deverão participar lideranças e especialistas Tapayúna para contar histórias, cantar músicas antigas, falar sobre os antigos costumes do povo. Os Tapayúna planejam gravar as apresentações dos mais velhos e utilizar o material para o trabalho com crianças e jovens. A intenção é ensiná-los para que possam passar adiante o que aprenderam e, desta forma, possibilitar ao povo retomar os costumes, realizar festas e rituais perdidos em meio às mudanças ocorridas ao longo de sua história.

1.6. A situação da língua Tapayúna

Como consequência do ocorrido com o povo Tapayúna, sua língua ancestral foi drasticamente afetada. Conforme Seeger (1980, p. 27) os Suyá Orientais falavam uma língua virtualmente idêntica à dos Suyá Ocidentais (os Tapayúna). No entanto existem evidências de que essas duas línguas são próximas, porém apresentam diferenças.

Com base em observações impressionísticas dessas diferenças, considera-se que o Tapayúna é uma variante dialetal do Suyá. Porém devido à ausência de estudos sobre o Tapayúna, no que se refere tanto à fonologia, quanto à gramática, não são totalmente conhecidas as semelhanças e diferenças entre elas e, conseqüentemente o grau em que são geneticamente relacionadas.

Em seu trabalho de comparação Seki (1989) demonstra a proximidade da língua Suyá, com a língua Tapayúna e destas com a língua Mebengôkre (Kayapó), nos níveis

fonético e lexical. Os exemplos trazidos no Quadro 4, extraídos de Seki (1989), de Santos (1997) e de Seki (1988⁴) servem como ilustração:

| | Português | Tapayúna | Suyá | Mebengôkre |
|-------|------------------|-----------------|-------------|-------------------|
| (001) | eu | wa | pa/wa | ba |
| (002) | mato | wλ | pλ | bλ |
| (003) | fígado | ma | mba | ma |
| (004) | água | ŋgo | ŋgo | ŋo |
| (005) | capim | mõ | mõ | bõ |
| (006) | milho | mõ.ti | wλsi | bλi |
| (007) | osso | ti | i | ?i |
| (008) | semente | ti | si | ?i |
| (009) | pássaro | tλkλ | sλkλ | λk |
| (010) | barriga | tu | tu | tu |
| (011) | pau | hwĩ | hwĩ | pĩ |
| (012) | caminho | hri | hri | pri |

Quadro 4: Exemplos lexicais das línguas Tapayúna, Suyá e Mebengôkre com tradução em português.

O quadro acima mostra algumas semelhanças (e algumas diferenças) entre as três línguas.

Os falantes Tapayúna tiveram um contato considerável com os Suyá e com os Mebengôkre, tendo sofrido grande influência por parte de ambas. Esta influência incide sobre as consoantes já que o sistema vocálico das três línguas é o mesmo.

Em trabalho de campo realizado na aldeia Mětuktire, em 1988 Seki registrou a troca de alguns dados lexicais do Tapayúna por dados lexicais da língua Suyá. Esta troca é também constatada por Santos, em 1991-1992. Com base nestes fatos, Seki (comunicação pessoal) levanta a hipótese de que, mesmo após a mudança para o Metuktire, nos primeiros

⁴ Dados coletados em campo.

anos ainda predominava entre os Tapayúna a influência da língua Suyá. Alguns exemplos estão presentes no quadro abaixo:

| Português | Suyá | Tapayúna de “contato” | Tapayúna “tradicional” |
|------------------------|-------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| (013) mingau | kamĩ | kamĩ | kamĩ |
| (014) milho | wʌsi | wʌsi / wʌti | mõti |
| (015) fogo | kusi | kusi | kuti |
| (016) eu (pro. indep.) | pa | pa | wa |

Quadro 5: Dados das línguas Tapayúna e Suyá com tradução em português.

Observe-se que as duas primeiras palavras no Quadro 5 constituem empréstimos da língua Kamaiurá: [kawĩ] ‘mingau’ e [awatsi] ‘milho’ na língua Suyá. É oportuno lembrar que os Suyá sofreram influência dos povos do Alto Xingu, particularmente do Kamayurá, mas não há evidências de que o mesmo tenha ocorrido com os Tapayúna. Por outro lado, é de se supor que os Tapayúna desconheciam o mingau, e assim emprestaram o termo usado pelos Suyá.

Com o passar do tempo a influência da língua Suyá foi sendo cada vez menor, porém sem deixar de existir, mesmo porque há representantes Tapayúna vivendo na aldeia Suyá, e o Tapayúna passou a sofrer maior interferência por parte do Mebengôkre. Isto pode ser constatado em dados coletados posteriormente, por mim em 2008 e 2009 e nos poucos dados a que tivemos acesso coletados por Ferreira em 2004.

| Português | Mebengôkre | Tapayúna de “contato” | Tapajúna “tradicional” |
|------------------|-------------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| (017) muito | kumrēj | kumrēj | kuwēj |
| (018) bicho | mri | mri | nri |
| (019) peixe | tep | tep | tewe |
| (020) pescoço | mut | mut | muti |

Quadro 6: Dados das línguas Tapayúna e Mebengôkre com tradução em português.

A proximidade entre as línguas, agravada pelo contato e pelo fato de os Tapayúna constituírem um povo minoritário sob forte influência de outros mais fortes configura uma situação de grande pressão sobre a língua.

No processo de elicitación dos dados foi possível verificar que os próprios falantes não tinham consciência da interferência das outras duas línguas. A constatação desse fato deixou evidente a necessidade de um trabalho de conscientização dos Tapayúna com relação à sua língua. Esta consciência foi despertada em decorrência do trabalho feito nas últimas etapas do “Curso de Formação de Professores”.

Os alunos do Curso se deram conta de correspondências entre alguns sons de sua língua com aqueles do Suyá e do Mebengôkre, já observadas por Seki (1989) e L. C. Santos (1997). Por exemplo, [s] do Suyá corresponde a [t] do Tapayúna; [p] do Suyá e [m] do Mebengôkre correspondem a [w] do Tapayúna. Entretanto, as correspondências não ocorrem em todos os contextos. Em Tapayúna não há o som [s], mas há muitos casos em que o [t] desta língua corresponde a [t] do Suyá. Por outro lado, há contextos em que [m] do Tapayúna corresponde a [m] do Mebengôkre. Porém alguns falantes tentam estender as correspondências a todos os contextos. Somente aos poucos, e em trabalho realizado simultaneamente com vários falantes tem sido possível elucidar a questão.

Houve situações em que foram observadas diferenças nos dados fornecidos por distintos informantes, o que leva a hipótese, ainda por verificar, acerca da existência de possíveis variantes dialetais no próprio Tapayúna.

O que se percebe a partir do ingresso no Curso é que os Tapayúna têm demonstrado um grande interesse em conservar sua língua. Porém não é uma tarefa fácil depois de tantos anos de convivência com povos de maior população (Suyá e Mebengôkre) e que falam línguas geneticamente aparentadas e próximas entre si.

Nos dados por mim coletados em 2009, percebe-se ainda a substituição de elementos da língua por elementos da(s) outra(s) duas. A interferência de uma ou outra dessas línguas correlaciona-se com o local de residência dos falantes.

É interessante observar que a interferência das línguas Suyá e Mebengôkre manifesta-se mais frequentemente na fala de informantes adultos com idade aproximada de 40 anos. Os mais velhos, embora falem com interferência, conhecem também os termos Tapayúna, aos quais se referem como ‘palavras dos antigos’. Assim, interferem firmemente na elicitación de dados, corrigindo os mais novos. São momentos em que se desenvolvem discussões a respeito de qual termo é realmente da língua Tapayúna para o item lexical elicitado.

A proximidade dessas três línguas e a grande influência que o Mebengôkre e o Suyá, exercem sobre os falantes da língua Tapayúna representa dificuldades para a análise da língua. Por este motivo, a descrição apresentada neste trabalho tem um caráter preliminar. Acresce que inexistem trabalhos ou mesmo registros sobre esta língua feitos em período anterior à transferência dos falantes para o Xingu.

1.7. Estudos sobre a Língua

Existem alguns materiais esparsos sobre o Tapayúna, sendo a grande maioria de cunho antropológico ou histórico. Dentre os trabalhos feitos por missionários e antropólogos incluem-se: relatos históricos realizados por missionários em meados de 1967: o artigo de Pereira (1967 / 1968), publicado na *Revista de Antropologia*; estudos realizados por Bossi (1863), que dizem respeito às tribos que se encontram no Mato Grosso. Informações importantes sobre os Tapayúna são encontradas no trabalho de Seeger (1981).

Os trabalhos relacionados à **língua** Tapayúna são escassos e fragmentários, sendo que nenhum deles apresenta uma análise fonológica ou gramatical mais detalhada. Seki (1989) faz uma comparação preliminar de itens lexicais desta língua com os da língua Suyá e com os do Proto-Jê. O trabalho de Santos (1997) contém um breve estudo de aspectos da fonologia Tapayuna em comparação com os da língua Suyá. O trabalho de C. Rodrigues e Ferreira (2007)⁵ apresenta algumas considerações sobre a reconstrução da

⁵ Não tivemos acesso a esse trabalho.

língua, e Camargo (2004 e 2008) trata questões relacionadas à elaboração de um banco de dados lexicográficos com a utilização do programa computacional Toolbox, e inclui um anexo com uma amostra contendo termos de fauna e flora da língua.

Além do material por mim reunido, há conjuntos de dados, ainda inéditos, coletados por Seki (1988), por Santos (1991-1992), por Ferreira (2003, 2004, 2005 e 2006). Os dados gravados por Seki (1988) e Santos (1991-1992) foram disponibilizados para o trabalho. Já àqueles gravados por Ferreira (2003, 2004, 2005 e 2006) não tivemos acesso.

No capítulo seguinte temos a descrição de aspectos fonéticos presentes na língua Tapayúna.

Capítulo II

Aspectos Fonéticos da língua Tapayúna

2. Os sons da língua Tapayúna:

O primeiro momento da pesquisa é a identificação do inventário e distribuição dos sons encontrados na língua.

2.1. Descrição fonética dos sons vocálicos da língua:

No quadro abaixo é apresentado o inventário dos sons vocálicos orais encontrados na língua Tapayúna. Trata-se de um sistema típico de línguas Jê com 10 vogais.

2.1.1 Quadro de sons das vogais orais:

| | ANTERIOR | CENTRAL | POSTERIOR |
|---------------|----------|---------|-----------|
| ALTA | i | ɨ | u |
| MÉDIA FECHADA | e | ə | o |
| MÉDIA ABERTA | ɛ | ʌ | ɔ |
| BAIXA | | a | |

Quadro 7: Sons vocálicos orais.

2.1.2. Descrição dos sons vocálicos orais e sua ocorrência:

[i]: anterior, alta, fechada, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|-------------------------------|---------------|
| (021) a) [i-] | ‘pref. 1 ps.’ |
| b) [ti] | ‘osso’ |
| c) [ki.ri] | ‘criação’ |
| d) [kiṭ.ˈtʃi] | ‘gafanhoto’ |
| e) [tuṭ.ˈtʃi] | ‘pomba’ |
| f) [ka.ˈnri] | ‘garça’ |
| g) [h ^w i.ri.ˈtʃi] | ‘pacu’ |

[e]: anterior, média, fechada, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|-------------------------------|-------------|
| (022) a) [te] | ‘carrapato’ |
| b) [ne] ~ [n ^m de] | ‘ariranha’ |
| c) [ke.re] | ‘não’ |
| d) [tu.ˈte] | ‘arco’ |
| e) [tu.ˈre] | ‘pai’ |
| f) [ku.ˈkej] | ‘cutia’ |
| g) [tõ.ˈh ^w e.tʃi] | ‘ferrão’ |

[ɛ]: anterior, média, aberta, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | | |
|----------|------------------------|-------------|
| (023) a) | [i.'tɛ] | ‘perna’ |
| b) | [i.'rɛ] | ‘nadar’ |
| c) | ['ki.rɛ] | ‘grilo’ |
| d) | ['tɛ.wɛ] | ‘peixe’ |
| e) | ['wɛ.rɛ] | ‘lagarto’ |
| f) | [wɛ.'wɛ] | ‘borboleta’ |
| g) | [am ⁷ .'gɛ] | ‘esquerda’ |
| h) | ['kɾɛ] | ‘buraco’ |
| i) | [ngʌ.tɪ.'rɛ.jɛ] | ‘criança’ |

[i]: central, alta, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | | |
|----------|-----------------------------------|-----------|
| (024) a) | ['tɪ] | ‘semente’ |
| b) | ['mi.rɪ] ~ [' ^m bi.rɪ] | ‘sol’ |
| c) | ['tɪ.gɪ] | ‘preto’ |
| d) | [wi.'tɪ] | ‘pulga’ |
| e) | [ku.'tɪ] | ‘fogo’ |
| f) | ['nrɪ] | ‘bicho’ |
| g) | ['kɾɪ] | ‘frio’ |
| h) | ['hrɪ] | ‘caminho’ |

i) [ku.'kɾi.rɨ] 'anta'

[ə]: central, média, fechada, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

(025) a) [ku.'tə] 'cheiro, cesto'

b) ['dʒə.rə] 'batata'

c) ['k^wə.rə] 'mandioca'

d) ['k^w ə.gə] 'peneira'

e) [ku.'k^wəj] 'macaco'

f) [ku.k^wəj.'tʃi] 'macaco preto'

[ʌ]: central; média, aberta, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

(026) a) [nʌ] 'lança'

b) [kʌ] 'pele; casca'

c) [tʌ] 'doente'

d) [wʌ] 'mato'

e) [tʌ.gʌ] 'ave'

f) [tʌk'.tʃi] 'gavião'

g) [ka.'tʌ.gɾɛ] 'ruim'

[u]: posterior, alta, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

(027) a) [i.'tu] 'barriga'

| | |
|-------------------------------|-------------------|
| b) [hu.'tu] | 'pium' |
| c) [tu.'re] | 'pai' |
| d) [tu.'te] | 'arco' |
| e) ['tu.ru] | 'pus' |
| f) [ku.'tə] | 'cheiro' |
| g) [mu.'ti] | 'pescoço' |
| h) [rũ.'k ^h u] | 'casa da formiga' |
| i) [tu.'a.nɛ] | 'remédio' |
| j) [tõm ⁷ .'nu.rɛ] | 'mal' |

[o]: posterior, média, fechada, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|---------------------------|----------|
| (028) a) [to] | 'folha' |
| b) [ŋgo] | 'água' |
| c) [ro.'ro] | 'cupim' |
| d) [ho.'ho] | 'coruja' |
| e) [k ^h o.wo] | 'mosca' |
| f) [k ^h o.go] | 'vento' |
| g) [to.ro] | 'tatu' |
| h) [am ⁷ .'to] | 'rato' |

- | | |
|-----------------|-----------|
| i) [a.ʎgɾo] | ‘porco’ |
| j) [ndo.ʎdo.wo] | ‘coceira’ |

[ɔ]: posterior, média, aberta, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

- | | |
|----------------|-----------------------|
| (029) a) [ʎo] | ‘olho’ |
| b) [ka.ʎo] | ‘nascer; sair’ |
| c) [kʰɔ.wɔ] | ‘garra’ |
| d) [rɔ.wɔ] | ‘onça’ |
| e) [tõ.ʎo] | ‘língua’ |
| f) [ka.ʎgɾɔ] | ‘quente’ |
| g) [tɔj.tʃi] | ‘sucuri’ |
| h) [te.hɔ.tʃi] | ‘carrapato (espécie)’ |

[a]: central, baixa, aberta, não-arredondada, ocorre em sílaba inicial, medial e final.

- | | |
|---------------|--------------------------|
| (030) a) [a-] | ‘pref. 2ps.’ |
| b) [ʎa] | ‘fígado’ |
| c) [ʎa] | ‘eu’ |
| d) [i.ʎa] | ‘ele’ |
| e) [a.tu] | ‘outra palavra para dia’ |

| | |
|----------------|----------|
| f) [ta.'ka] | ‘branco’ |
| g) [ka.'tɔ] | ‘sair’ |
| h) [am.'to] | ‘rato’ |
| i) [a.ga.'tʃi] | ‘dia’ |
| j) [kʁa] | ‘filho’ |

2.1.3. Descrições dos sons vocálicos nasais:

Os sons vocálicos nasais são em numero de 6 estão apresentados no quadro abaixo.

2.1.4. Quadro de sons vocálicos nasais:

| | ANTERIOR | CENTRAL | POSTERIOR |
|---------------|----------|---------|-----------|
| ALTA | ĩ | ɨ | ũ |
| MÉDIA FECHADA | ẽ | | õ |
| MÉDIA ABERTA | | ɛ̃ | |

Quadro 8: Sons vocálicos nasais.

2.1.5. Descrição dos sons vocálicos nasais e sua ocorrência:

[ĩ]: anterior, alta, fechada, não-arredondada, nasal; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|-----------------------|----------|
| (031) a) [tʃi] | ‘carne’ |
| b) [mĩ] | ‘jacaré’ |
| d) [h ^w ĩ] | ‘pau’ |

| | |
|-------------------|---------------------|
| c) [ʎi.rĩ] | ‘tripa’ |
| e) [ʎi.rɛ] | ‘estreito’ |
| f) [nri.jĩ.ko.wo] | ‘garra de bicho’ |
| g) [ma.hĩ.ɲa] | ‘gavião pega-pinto’ |

[ẽ]: anterior, média, fechada, não-arredondada, nasal; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|-----------------------------|-------------|
| (032) a) [mẽ] | ‘gente’ |
| b) [kẽ.nẽ] | ‘pedra’ |
| c) [kɾẽ] | ‘periquito’ |
| d) [ka.h ^w ẽ.tɒ] | ‘vassoura’ |
| e) [ŋgo.rẽ.tɒ] | ‘remo’ |

[ĩ]: central, alta, não-arredondada, nasal; encontrado em poucos dados, em sílaba inicial e final.

| | |
|--------------------------|----------------------------|
| (033) a) [ĩ] | ‘unha’ |
| b) [jĩ.ma] | ‘quem’ |
| c) [mẽ.k ^w ĩ] | ‘alguns’ (MF) ⁶ |

⁶ Os dados identificados com (MF) fazem parte do acervo de Ferreira (2004).

[ũ]: posterior, alta, arredondada, nasal; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

- | | |
|---------------|------------|
| (034) a) [mũ] | ‘ir’ |
| b) [kũ.ta] | ‘morder’ |
| c) [rũ.wũ] | ‘formiga’ |
| d) [tũ.mũ] | ‘velho’ |
| e) [ko.tũ.nũ] | ‘capivara’ |

[õ]: posterior, média, fechada, arredondada, nasal; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

- | | |
|---------------|---------------------------------|
| (035) a) [mõ] | ‘capim’ (LCS e LS) ⁷ |
| b) [ɲõ] | ‘posse (partícula)’ |
| c) [hrõ] | ‘esposa’ |
| d) [tõ.tɔ] | ‘língua’ |
| e) [ka.rõ] | ‘foto; imagem’ |
| f) [kõ.rõ] | ‘joelho’ |
| g) [kõḳ.tʃi] | ‘camaleão’ |
| h) [tõ.ḳ a] | ‘costela’ |
| i) [ku.ɲõ.õõ] | ‘besouro’ |

⁷ Os dados identificados com (LCS) e (LS) fazem parte do acervo Santos (1990-91) e Seki (1988).

[ẽ]: central, baixa, aberta, não-arredondada, nasal, ocorre em sílaba inicial, medial e final.

| | |
|-------------------|----------------|
| (036) a) [mẽ] | ‘coruja’ |
| b) [rẽ] | ‘flor’ |
| c) [i.kʀẽ] | ‘minha cabeça’ |
| d) [ka.ɲẽ] | ‘cobra’ |
| e) [mẽ.tʃi] | ‘ema’ |
| f) [ɲrẽ.ɲrẽ] | ‘amarelo’ |
| g) [ka.ɲẽ.tʃi] | ‘jibóia’ |
| h) [ko.rẽ.tʃi] | ‘surubim’ |
| i) [no.kã.kʀi.ri] | ‘óculos’ |

2.2 Descrição fonética dos sons consonantais da língua:

No quadro abaixo é apresentado o inventário dos 35 sons consonantais encontrados na língua Tapayúna.

2.2.1 Sons consonantais:

| | Labial | Alveolar | Retroflexa | Palatal | Velar | Uvular | Glotal |
|-----------------|----------------------------------|------------------------------------|------------|-----------------|---|--------|----------------|
| Oclusivos | p ^ʔ b ^ʔ | t t ^ʔ d ^ʔ | ɽ | | k k ^h k ^ʔ g g ^ʔ | | |
| Labializados | | t ^w | | | k ^w | | h ^w |
| Nasais | m m ^ʔ | n n ^ʔ | | ɲ | ŋ | | |
| Pré-nasalizados | ^m b | ⁿ t ⁿ d | | ⁿ dʒ | ^ŋ g | | |
| Fricativos | | | | | | | h |
| Vibrantes | | | | | | ʀ R | |
| Tepe e flap | | ɾ | ɽ | | | | |
| Laterais | | l | | | | | |
| Africados | | | | tʃ dʒ | | | |
| | | | | | | | |
| Aproximantes | w | | | j | | | |

Quadro 9: Sons consonantais.

2.2.2. Descrição dos sons consonantais e suas ocorrências:

❖ Oclusivas:

Os sons oclusivos da língua Tapayúna classificam-se pelo ponto de articulação em: labial, alveolar, retroflexo e velar. Os oclusivos incluem segmentos surdos e sonoros, explodidos e não-explodidos, aspirados e não-aspirados e pré-nasalizados. Os sons são: [t], [tʔ], [k], [g], [k^h], [p^ʔ], [t^ʔ], [k^ʔ], [b^ʔ], [d^ʔ], [g^ʔ], [^mb], [ⁿt], [ⁿd], [ⁿdʒ], [^ŋg].

[t]: Oclusiva, alveolar, surda, oral. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final:

- (037) a) [te] ‘aranha’
 b) [tʃi] ‘pequeno’
 c) [ti] ‘osso’
 e) [tu.te] ‘arco’
 d) [ta.ka] ‘branco’
 d) [ka.ti] ‘castanha’
 e) [ɨgʌ.ti.ʔɛj] ‘criança’

[t̚]: Oclusiva, alveolar, retroflexa, surda, oral. Ocorre em *onset* de sílaba inicial, medial e final.

- (038) a) [t̚e] ‘carrapato’
 b) [t̚o.ro] ‘tatu’
 c) [t̚e.tʃi] ‘carrapato (espécie)’
 d) [t̚ʌ.tʌ] ‘experimental’
 e) [t̚õ.t̚ɔ] ‘língua’
 f) [ka.t̚ɔ] ‘buraco’
 g) [ko.t̚ũ.wũ] ‘capivara’

[k]: Oclusiva, velar, surda, oral. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial.

- (039) a) [ko.wo] ‘mosca’
 b) [kĩ] ‘cabelo’
 c) [to.a.kõ] ‘jabuti’
 d) [ku.'kej] ‘cutia’
 e) [ta.'ka] ‘branco’
 f) [ku.'kɾi.ri] ‘anta’

[k^h]: Oclusiva, velar, surda, aspirada, oral. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial.

- (040) a) [k^hʌ] ‘pele; casca’
 b) [k^ho.go] ‘vento’
 c) [k^hʌ.'tə.rə] ‘barata’
 d) [waj.k^hʌ.'tʃi] ‘peixe cascudo’
 e) [ta.'k^ho] ‘soprar’

[g]: oclusiva, velar, sonora, oral. Ocorre na posição de *onset* de sílaba átona medial e final.

- (041) a) [a.ga.'tʃi] ‘dia’
 b) [tí.gi] ‘preto’

- c) [tʌ.gʌ] ‘asa’
 d) [kʰo.go] ‘vento’
 e) [a.ga.'wə.rə] ‘noite’

❖ **Oclusivas não-explodidas:**

[p̚]: oclusiva, bilabial, surda não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento surdo.

- (042) a) [rɔp̚.t̚i] ‘gato’
 b) [rɔp̚.ta.'ka.t̚i] ‘cachorro do mato’
 c) [t̚ɛp̚.t̚i] ‘peixe’
 d) [t̚ɛp̚.'tʌ.t̚i] ‘poraquê’
 e) [rɔp̚.kʌ.'tʌ.gʌ] ‘cachorro’
 f) [kʌp̚.'kʌp̚.t̚i] ‘jaó’
 g) [kid̚.'m̩bɛp̚.t̚i] ‘gafanhoto’ (MF)
 h) [t̚õ.kʀɛ.'nɛp̚.t̚i.ra] ‘goiaba’

[t̚]: Oclusiva, alveolar, surda, não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento surdo.

- (043) a) [a.'tɛt̚.t̚i] ‘tatu canastra’ (MF)

- d) [kʀit̚.tʃi] 'gafanhoto'
 e) [kʀat̚.kʀa] 'papagaio'

[kʀ]: Oclusiva, velar, surda, não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento surdo.

- (044) a) [mak̚.tʃi] 'escorpião'
 b) [rik̚.to] 'palha'
 c) [tʌk̚.tʃi] 'gavião'
 d) [hʷi.to.tok̚.tʌ] 'escola'
 e) [ʰdu.ak̚.tʃi] 'sabiá-da-mata'

[bʀ]: Oclusiva, bilabial, sonora, não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento sonoro.

- (045) a) [rɔbʀ.jĩ.ti] 'rastro de onça'
 b) [nebʀ.ga.'ra.rɛ] 'rosa'
 c) [tʃebʀ.ga.tʃi] 'muito peixe'

[dʀ]: Oclusiva, alveolar, sonora, não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento sonoro.

- (046) a) [aj.kʀud̚ nɛ aj.kʀu.ru] 'quatro'

- b) [kɛḍːrɛ] ‘não’
- c) [mɪḍːrɑ.kɑ.ʔɔ] ‘poente’ (LCS)
- d) [kɪḍːᵐbɛp̣ːtʃi] ‘gafanhoto’ (MF)

[g̣ː]: Oclusiva, velar, sonora, não-explodida. Ocorre em posição de *coda* silábica precedendo sílaba iniciada em segmento sonoro.

- (047) a) [ag̣ː.nɔ] ‘sumir’
- b) [tʌg̣ː.dʒɑ.ʔrɑ] ‘todo corpo do pássaro’
- d) [tʌg̣ː.ʔwej] ‘pena de pássaro’
- e) [tɔg̣ː.nẽ] ‘pintar’

❖ **Pré-nasalizadas:**

[ᵐb]: pré-nasalizada, bilabial, sonora. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial com núcleo silábico oral.

- (048) a) [ᵐbɛj.tʃi] ~ [mɛj.tʃi] ‘bom’
- b) [ᵐbi.rɪ] ~ [mi.rɪ] ‘sol’(MF, LS, LCS)
- c) [tag̣ːᵐbaj.ke.ʔtʃi] ~ [tag̣ː.maj.ke.ʔtʃi] ‘galinha’

[ⁿd]: pré-nasalizada, alveolar, sonora. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial com *núcleo* silábico oral.

- (049) a) [ⁿda] ~ [na] ‘chuva’
 b) [ⁿde] ~ [ne] ‘ariranha’
 c) [rũ.ⁿda.ra] ~ [rũ.na.ra] ‘formiga de fogo grande’
 d) [ka.ⁿde.tʃi] ~ [ka.ne.tʃi] ‘estrela’

[ⁿt]: pré-nasalizada, alveolar, surda. Nos dados disponíveis foi encontrada em *onset* de sílaba inicial, medial e final.

- (050) a) [ⁿte.we] ‘morcego’
 b) [ⁿtʌj.tʃi] ‘pica-pau’
 c) [ⁿtoj.hɔ.tʃi] ‘urubu’
 d) [ⁿti] ‘nome’
 e) [ⁿʈi.ⁿdi] ‘outra palavra para nome’
 f) [ka.ⁿte.tʃi] ‘estrela’
 g) [ka.ⁿto] ‘picar; areia’
 h) [ka.ⁿte.ⁿte.tʃi] ‘libélula’

[ⁿg]: pré-nasalizada, velar, sonora. Ocorre na posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final com *núcleo* oral e pode ser seguido de [R].

- (051) a) [ⁿgo] ‘água, piolho’

| | |
|---------------|-----------------|
| b) [ʰgɔ.wɔ] | ‘concha’ |
| c) [ʰgoj] | ‘panela’ |
| d) [ʰgʌ] | ‘casa do homem’ |
| e) [ʰgɾɛ] | ‘ovo’ |
| f) [tu.ʃ.ʰga] | ‘preguiça’ |
| g) [a.ʰgro] | ‘porco’ |

❖ **Nasais:**

Os sons nasais classificam-se, segundo ponto de articulação, em bilabial, alveolar, palatal e velar. Os sons nasais da língua são: [m], [n], [ɲ] e [ŋ].

[m]: nasal, bilabial, sonora. Ocorre na posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final.

| | |
|---------------------|----------------------|
| (052) a) [mi] | ‘pênis, rabo, homem’ |
| b) [mĩ] | ‘jacaré’ |
| c) [ma] | ‘fígado’ |
| d) [mi.ri] | ‘sol’ |
| e) [mẽ.ga.rõ] | ‘imagem de gente’ |
| f) [kʷə.rə.mej.tʃi] | ‘macaxeira’ |
| g) [ka.mĩ] | ‘mingau’ |

[n]: nasal, alveolar, sonora. Ocorre na posição de *onset* de sílaba inicial, medial, final e pode ser seguido de [r].

- (053) a) [na] ~ [ᵐda] ‘chuva’
 b) [nʌ] ~ [ᵐdʌ] ‘lança’
 c) [ne] ~ [ᵐde] ‘ariranha’
 d) [nɔ] ~ [ᵐdɔ] ‘olho’
 e) [nra] ‘tatu peba’
 f) [nri] ‘bicho’
 g) [ni.wi] ‘novo’
 i) [nro.tʃi] ‘jenipapo’
 j) [kom̃.nu.hɔ.tʃi] ‘arraia’
 h) [kẽ.nẽ] ‘pedra’
 i) [ku.nĩ] ‘todos’

[ɲ]: nasal, palatal, sonora. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial e final.

- (054) a) [ɲĩ.ma] ‘quem’ (LCS)
 b) [ɲɛ.ɲɛ] ‘cigarra’
 c) [i.ɲõ.ʔɔ] ‘minha língua’
 d) [ɲĩ.a.ti] ‘veado’

- e) [ta.ko.'ɲi] 'beijo'
- f) [te.tʃi.ɲũ.'te.ge] 'casa da aranha'
- h) [am̃.'ɲĩ.'tɔ] 'mistura'

[ɲ]: nasal, velar, sonora. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial, final com *núcleo* nasal e pode ser seguido de [r].

- (055) a) [ka.'ɲẽ] 'cobra'
- b) [ka.ɲẽ.'ti] 'jibóia'
- c) [k^ha.'tʃẽ.ɲẽ] 'sarna, coceira'
- d) [ɲĩẽ.'ɲĩẽ] 'verde'
- e) [ɲĩẽ.ɲĩẽ.'tʃi] 'amarelo'

❖ **Nasais Não-explodidas:**

[m̃]: nasal, bilabial, sonora, não-explodida. Ocorre na posição de *coda* de sílaba inicial e medial.

- (056) a) [tam̃.'to] 'barba'
- b) [kom̃.'nu.hɔ.'tʃi] 'arraia'
- c) [am̃.'gɛ] 'esquerda'
- d) [rum̃.'nʌ.dʒa.'ra] 'caba'
- e) [ka.hrẽm̃.'tʃi] 'jabuti'

[ñ]: nasal, alveolar, não-explodida. Ocorre na posição de *coda* de sílaba inicial e medial.

- (057) a) [koñ.'tʃi] 'jabuti'
 b) [keñ.'hɔ] 'panela'
 c) [ki.tañ.'dʒe] 'grilo da mata'

❖ **Fricativas:**

[h]: Fricativa, glotal. Ocorre em posição de *onset* em sílaba inicial e medial e pode ser seguida de [r].

- (058) a) [kõm̃'.nu.hɔ.'tʃi] 'arraia'
 b) [hu.'tu] 'mosquito'
 c) [tɛ.hɔ.'tʃi] 'carrapato médio'
 d) [u.'hʌ.'tʃi] 'anta'
 e) [ka.hrẽm̃.'tʃi] 'jabuti'
 f) [hri] 'caminho'
 g) [ho.'ho] 'coruja'

❖ **Africadas:**

Os sons africados ocorrem em um único ponto de articulação: palatal.

[tʃ]: africada, surda, oral. Ocorrem em posição de *onset* em sílaba inicial, medial e final.

- (059) a) [tʃi] ‘grosso’
 b) [h^wi.ri.tʃi] ‘pacu’
 c) [wəj.k^hʌ.tʃi] ‘cascudo’
 d) [tʃe] ‘coxa’
 f) [tʃe.tʃek^ʔtʃi] ‘martim pescador’

[dʒ]: africada, palatal, sonora. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e medial.

- (060) a) [ˈdʒuj] ‘beija-flor’
 b) [ˈdʒe.re] ‘marido’
 c) [tʌk^ʔ.ˈdʒɑ.ra] ‘pena’
 d) [ˈdʒə.rə] ‘batata’

❖ **Vibrante:**

[ʀ]: vibrante, uvular, sonoro. Ocorre em *onset* ramificado de sílaba inicial e medial após a consoante pré-nasalizada [ŋg].

- (061) a) [a.ˈŋgre.tʃi] ‘tatu bola’
 b) [ˈŋgɾa] ‘paca’
 c) [ˈŋgru.wa] ‘buriti’
 d) [ˈŋgroj] ‘coandu; puriço’
 e) [ˈŋgɾɛ] ‘ovo’

[ʀ]: vibrante, uvular, surdo. Ocorre em *onset* ramificado de sílaba inicial e medial após a consoante velar surda: a oclusiva [k].

| | | |
|----------|-------------|----------|
| (062) a) | [kʀa] | ‘filho’ |
| b) | [kʀẽ] | ‘cabeça’ |
| c) | [kʀi] | ‘frio’ |
| d) | [ti.kʀɛ] | ‘casa’ |
| f) | [ku.kʀi.ri] | ‘anta’ |

❖ **Tepe:**

[r]: tepe, alveolar, sonoro. Ocorre em posição de *onset* em sílaba inicial, medial, final e em *onset* ramificado após a nasal alveolar [n].

| | | |
|----------|-------------------------|------------------|
| (063) a) | [ro.'ro] | ‘cupim’ |
| b) | [rʌ.'rʌ] | ‘fósforo’ |
| c) | [ta.'rĩ] | ‘raiz’ |
| d) | [tu.'re] | ‘pai’ |
| e) | [rɔ.wɔ] | ‘onça; cachorro’ |
| f) | [k ^w ə.rə] | ‘mandioca’ |
| g) | [nrĩ] | ‘bicho’ |
| h) | [rĩk ^ʔ .to] | ‘palha’ |
| i) | [rɔp ^ʔ .tʃi] | ‘onça’ |

j) [t̃i.ri.'tʃi] 'banana'

[ʀ]: tap, álveo-palatal, retroflexo, sonoro. Ocorre em *onset* ramificado após a nasal velar [ŋ].

(064) a) [ŋʀʃ] 'azul'

b) [ŋʀʃ.'ŋʀɐ] 'amarelo'

❖ Labializadas:

[t^w]: labializada, alveolar, surda. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial, medial⁸ e final precedendo vogal central baixa [a].

(065) a) [t^wa] 'dente'

b) [t^wa.'tʃi] 'azedo'

c) [ka.'t^wa] 'sal'

[k^w]: labializada, velar, surda. Ocorre em posição de *onset* de sílaba inicial e final.

(066) a) [k^we.ge] 'peneira'

b) [k^wə.rə] 'mandioca'

c) [i.k^wə] 'cocô; bosta'

d) [ku.k^wəj] 'macaco'

e) [kaj.k^wa] 'céu'

⁸ Nos dados não consta a presença de [t^w] em posição silábica medial.

[h^w]: labializada, glotal, surda. Ocorre em posição de *onset* em sílaba inicial e medial.

| | | |
|----------|--------------------------|------------|
| (067) a) | [h ^w i] | ‘pau’ |
| b) | [h ^w a] | ‘braço’ |
| c) | [h ^w i.ka] | ‘terra’ |
| d) | [h ^w ʌtʰ.tʃi] | ‘tamanduá’ |
| e) | [tõ.h ^w e.ti] | ‘ferrão’ |

❖ **Aproximantes:**

[w]: aproximante, bilabial, sonora. Ocorre em *onset* silábico.

| | | |
|----------|-----------------------|------------------|
| (068) a) | [wa] | ‘eu’ |
| b) | [wã] | ‘tipo de coruja’ |
| c) | [wi.ri] | ‘sapo’ |
| d) | [wɛ.wɛ] | ‘borboleta’ |
| e) | [wi.ti] | ‘um’ |
| f) | [wʌj.ti] | ‘pimenta’ |
| g) | [wi.ri.tʃi] | ‘pacuzinho’ |
| h) | [rɔ.wɔ] | ‘onça’ |
| i) | [tɛ.wɛ] | ‘peixe’ |
| j) | [ⁿ te.we] | ‘morcego’ |

k) [ku.'wi.rɨ] 'guariba'

[j]: aproximante, palatal, sonora. Ocorre em posição de *onset* e *coda* de inicial, medial e final.

- (069) a) [-je] 'plural'
- b) [juj] ~ [dʒuj] 'beija-flor'
- c) ['kəj] 'cima'
- d) ['wɛj] 'mel'
- e) ['jə.rə] 'batata'
- f) [ɲi.'haj] 'longe'
- g) [ku.'tõj] 'minhoca'
- h) [ˈgoj.ta.'tʃi] 'mamão'
- i) [wʌj.'ti] 'pimenta'
- j) [japˈ.tɕj.tʃi] 'batata doce'

Capítulo III

Aspectos da fonologia da língua Tapayúna

O número de sons possíveis de serem realizados pelo aparelho vocal humano é muito grande e a combinação desses sons utilizada pelas línguas é bastante diversa. As línguas apresentam variedades de seleções e organizações em seus inventário de sons. Por este motivo o estudo das línguas existentes é de extrema importância, pois cada língua pode trazer informações inéditas e surpreendentes.

A Fonologia é a ciência que se propõe a estudar e analisar a organização e combinações dos sons dentro das línguas. Esse estudo pode ser realizado através modelos distintos, tais como estudos com teorias lineares e não-lineares.

A análise da língua Tapayúna é aqui realizada no âmbito da teoria linear. Para tal utilizaremos os procedimentos de descoberta propostos por Pike (1947) e apresentados em Kindell (1981). De acordo com Pike:

Os sons de uma língua são organizados automaticamente e inconscientemente pelos que a falam, em unidades estruturais tais como fonemas, sílabas, pés (palavras fonológicas) e contornos (1961, p. 27, *apud* KINDELL 1981).

A ‘teoria’ “pikeana” tem como base procedimentos de descoberta que nos revelam os papéis distintos de cada som presente na língua estudada. A aplicação desses procedimentos possibilita identificar os fonemas e seus alofones. Em acordo com Pike para a descrição das unidades êmicas são usados os critérios de contraste, variação livre e distribuição complementar.

Para resumir tais procedimentos de análise cito Kindell (1981):

As unidades êmicas descrevem-se em termos de três aspectos: o contraste, a variação e a distribuição. Na análise de um

determinado sistema fonológico, aplica-se cada um dos três aspectos aos mesmos dados físicos, a fim de estudar a estrutura, simultaneamente, de três pontos de vista. Cada aspecto se vê somente em relação a um sistema que abrange todos os três de uma maneira interrelacionada.

Os procedimentos acima foram utilizados na análise fonológica da língua Tapayúna como veremos a seguir.

3. Os fonemas da língua Tapyúna e seus alofones:

Os fonemas consonantais da língua Tapayúna são em número de 15 e se subdividem em surdos e sonoros. Os fonemas surdos são 08: três oclusivos /t/, /tʰ/, /k/; um africado /tʃ/; um glotal fricativo /h/ e três labializados /kʷ/, /tʷ/, /hʷ/. Os fonemas sonoros são 06: três nasais /m/, /n/, /ɲ/ /ɲ/; duas aproximantes /w/, /j/ e um tap /r/. Os símbolos utilizados para a identificação dos fonemas são aqueles que se apresentam com mais frequência dentro do inventário de sons da língua.

❖ Oclusivas:

/t/ oclusiva alveolar surda apresenta três alofones:

[t̚] ocorre em *coda* de sílaba antes de segmento surdo.

| | | | |
|----------|----------------|-------------|-----------------|
| (070) a) | [a.tet̚.tʃi] | /a.tet.tʃi/ | ‘tatu canastra’ |
| | b) [kɾʌt̚.kɾʌ] | /kɾʌt.kɾʌ/ | ‘papagaio’ |

[d̚] ocorre em *coda* de sílaba antes de segmento sonoro.

| | | | |
|----------|-------------------------|----------------------|----------|
| (071) a) | [aj.kɾud̚ nɛ aj.kɾu.ru] | /aj.kɾut nɛ aj.kɾur/ | ‘quatro’ |
|----------|-------------------------|----------------------|----------|

| | | |
|---------------------|------------------|----------|
| b) [ˈkɛd̪.rɛ] | /kɛt-rɛ/ | ‘não’ |
| c) [mĩd̪.r̩.ka.ˈtɔ] | /mĩt̪.r̩.ka.ˈtɔ/ | ‘poente’ |

[t] se apresenta nos demais ambientes:

| | | |
|----------------|----------|---------|
| (072) a) [ˈfi] | /ˈfi/ | ‘carne’ |
| b) [tu.ˈtɛ] | /tu.ˈtɛ/ | ‘arco’ |

Como mostram os exemplos, esses segmentos estão em distribuição complementar e constituem alofones de um mesmo fonema /t/.

/t/ alveolar retroflexa se realiza com um único fone [t] que ocorre em *onset* sílaba inicial e medial.

| | | |
|-------------------|----------|----------------|
| (073) a) [tʌ.ˈtʌ] | /tʌ.ˈtʌ/ | ‘experimentar’ |
| b) [tõ.ˈtɔ] | /tõ.ˈtɔ/ | ‘língua’ |

/k/ oclusiva velar apresenta cinco alofones.

[k̠] ocorre em *coda* de sílaba precedendo segmentos surdos.

| | | |
|----------------------|------------|----------|
| (074) a) [ˈtʌk̠.tʃi] | /tʌk̠.tʃi/ | ‘gavião’ |
| b) [riˈk̠.to] | /rik̠.to/ | ‘palha’ |

[g̠] ocorre em *coda* de sílaba antes de segmento sonoro.

| | | |
|-------------------------|----------------|-------------------------|
| (075) a) [tʌg̠.dʒa.ˈra] | /tʌk̠.dʒa.ˈra/ | ‘todo corpo do pássaro’ |
|-------------------------|----------------|-------------------------|

b) [tɔg⁷.nẽ] /tɔk.nẽ/ ‘pintar’

[g] ocorre em *onset* de sílaba medial átona entre vogais.

(076) a) [tʰi.gi] /tʰik/ ‘preto’

b) [rũm⁷.tʌ.ga.ʹre.ge] /rũm.tʌ.ka.ʹrek/ ‘formiga pequena’

[k^h] ocorre em *onset* de sílaba medial tônica precedendo vogais posteriores.

(077) a) [k^hʌ] /kʌ/ ‘pele’

b) [k^ho.go] /kok/ ‘vento’

[k] ocorre nos demais ambientes.

(078) a) [ta.ka] /ta.ka/ ‘branco’

b) [ku.kej] /ku.kej/ ‘cutia’

Como mostram os exemplos, os fones descritos estão em distribuição complementar e integram o mesmo fonema /k/.

/t^w/ a oclusiva alveolar labializada se realiza com um único fone [t^w] que ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial.

(079) a) [t^wa] /t^wa/ ‘dente’

b) [t^wa.tʃi] /t^wa.tʃi/ ‘azedo’

c) [ka.t^wa] /ka.t^wa/ ‘sal’

/k^w/ oclusiva velar labializada se realiza com um único fone [k^w] que ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial.

| | | | |
|----------|------------------------|------------------------|---------------|
| (080) a) | [ku.k ^w əj] | /ku.k ^w əj/ | ‘macaco’ |
| b) | [kaj.k ^w a] | /kaj.k ^w a/ | ‘céu’ |
| c) | [k ^w ə.rə] | /k ^w əɾ/ | ‘mandioca’ |
| d) | [i.k ^w ə] | /i.k ^w ə/ | ‘cocô; bosta’ |
| e) | [k ^w ə.gə] | /k ^w ək/ | ‘peneira’ |

❖ **Nasais:**

Os fonemas nasais da língua Tapayúna são em numero de quatro: /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/.

/m/ nasal bilabial apresenta três alofones:

[^mb] ocorre em *onset* de sílaba com núcleo oral.

| | | | |
|----------|---|-------------------------------|-------------|
| (081) a) | [^m bɛj.tʃi] ~ [mɛj.tʃi] | /mɛj-tʃi/ | ‘bom’ |
| b) | [^m bɪ.rɪ] ~ [mɪ.rɪ] | /mɪɾ/ | ‘sol’ |
| c) | [k ^w ə.rə. ^m bɛj.tʃi] ~ [k ^w ə.rə.mɛj.tʃi] | /k ^w ə.rə.mɛj-tʃi/ | ‘macaxeira’ |

[m̌] ocorre em *coda* de sílaba não final.

| | | | |
|----------|------------------|-----------------|------------|
| (082) a) | [kom̌.nu.hɔ.tʃi] | /kom.nu.hɔ.tʃi/ | ‘arraia’ |
| b) | [am̌.ʔgɛ] | /am.kɛ/ | ‘esquerda’ |
| c) | [tam̌.to] | /tam.to/ | ‘barba’ |

[m] ocorre em *onset* de sílaba com núcleo nasal e em variação livre com [ᵐb] em *onset* de sílaba com núcleo oral.

| | | | |
|----------|--------------------|----------|----------|
| (083) a) | [ka.'mĩ] | /ka.'mĩ/ | ‘mingau’ |
| b) | [mĩ] | /mĩ/ | ‘jacaré’ |
| c) | [ma] ~ [ᵐba] | /ma/ | ‘fígado’ |
| d) | [mi.ri] ~ [ᵐbi.ri] | /mir/ | ‘sol’ |

Resumindo, a nasal bilabial [m] está em variação livre com o segmento pré-nasalizado [ᵐb] na posição de *onset* de sílaba cujo núcleo é uma vogal oral e em distribuição complementar com a não-explodida [ᵐ]. Assim sendo, os fones acima descritos são variantes de um mesmo fonema /m/.

/n/ nasal alveolar apresenta três alofones.

[ᵐd] pré-nasalizada alveolar ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial com *núcleo* oral.

| | | | |
|----------|--------------|------|------------|
| (084) a) | [na] ~ [ᵐda] | /na/ | ‘chuva’ |
| b) | [nɔ] ~ [ᵐdɔ] | /nɔ/ | ‘olho’ |
| c) | [ne] ~ [ᵐde] | /ne/ | ‘ariranha’ |

[ᵐ] nasal alveolar não-explodida em *coda* de sílaba não final.

| | | | |
|----------|----------------|---------------|-----------------|
| (085) a) | [konˀ.tʃi] | /konˀ.tʃi/ | ‘jabuti’ |
| b) | [kenˀ.hɔ] | /kenˀ.hɔ/ | ‘panela’ |
| c) | [ki.tanˀ.'dʒe] | /ki.tanˀ.'je/ | ‘grilo da mata’ |

[n] nasal alveolar ocorre nos demais ambientes.

| | | | |
|----------|--|-------|---------|
| (086) a) | [ⁿ ɲ] ~ [ⁿ dɲ] | /nɲ/ | ‘lança’ |
| b) | [ⁿ i.wi] ~ [ⁿ di.wi] | /niw/ | ‘novo’ |
| c) | [ⁿ ri] | /nri/ | ‘bicho’ |

Resumindo, a nasal alveolar [n] está em variação livre com o segmento pré-nasalizado [ⁿd] na posição de *onset* de sílaba com núcleo oral e em distribuição complementar com a não-explodida [ñ]. Assim sendo, os fones acima descritos são variantes de um mesmo fonema /n/.

/ɲ/ nasal palatal. Apresenta um único fone [ɲ]:

| | | | |
|----------|-------------|-------------|----------------|
| (087) a) | [ɲĩm.na] | /ɲĩm-na/ | ‘quem’ |
| b) | [ɲɛ.ɲɛ] | /ɲɛ.ɲɛ/ | ‘cigarra’ |
| c) | [i.ɲõ.'tɔ] | /i.ɲõ.'tɔ/ | ‘minha língua’ |
| d) | [ɲĩ.a.'ti] | /ɲĩ.a.'ti/ | ‘veado’ |
| e) | [ta.ko.'ɲi] | /ta.ko.'ɲi/ | ‘beijo’ |

/ŋ/ nasal velar apresenta dois alofones:

[ⁿg] pré-nasalizada velar ocorre como *onset* de sílaba de *núcleo* oral.

| | | | |
|----------|--------------------|------|--------|
| (088) a) | [ⁿ go] | /ŋo/ | ‘água’ |
|----------|--------------------|------|--------|

| | | |
|-----------|--------|-------------------|
| b) [ᵐgʌ] | /ᵐgʌ/ | ‘casa dos homens’ |
| c) [ᵐgoj] | /ᵐgoj/ | ‘panela’ |
| d) [ᵐgɾɛ] | /ᵐgɾɛ/ | ‘ovo’ |

[ᵐ] nasal velar ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial com *núcleo* nasal.

| | | |
|------------------|-----------|-----------|
| (089) a) [ka.ᵐẽ] | /ka.ᵐẽ/ | ‘cobra’ |
| b) [ᵐrẽ.ᵐrẽ] | /ᵐrẽ.ᵐrẽ/ | ‘amarelo’ |
| c) [ᵐõ.rõ] | /ᵐõr/ | ‘dormir’ |

A pré-nasalizada velar [ᵐg] se apresenta em distribuição complementar com a nasal velar [ᵐ] e representam um mesmo fonema /ᵐ/.

❖ Fricativos:

Na classe das fricativas temos dois fonemas: a fricativa, glotal, surda /h/, e fricativa glotal labializada [hʷ].

/h/ fricativa glotal surda apresenta um fone [h] que ocorre em onset de sílaba inicial, medial e pode ocorrer precedendo [r] em *onset* ramificado.

| | | |
|-------------------|----------|----------------|
| (090) a) [ho.'ho] | /ho.'ho/ | ‘coruja’ |
| b) [i.'hrõ] | /i.'hrõ/ | ‘minha esposa’ |

/h^w/ fricativa glotal labializada apresenta um fone [h^w] que ocorre em *onset* de sílaba inicial, medial.

| | | |
|-------------------------------|-----------------------|---------------|
| (091) a) [i.h ^w a] | /i.h ^w a/ | ‘braço’ |
| b) [h ^w i.kə] | /h ^w i.kə/ | ‘terra’ |
| c) [h ^w i] | /h ^w i/ | ‘pau; árvore’ |

❖ Vibrantes:

/r/ tepe realiza-se em cinco alofones:

[r̥] tepe, retroflexo que ocorre em *onset* ramificado após nasal velar [ŋ].

| | | |
|-----------------|-------------|-----------|
| (092) a) [ŋr̥ɛ] | /ŋr̥ɛ/ | ‘azul’ |
| b) [ŋr̥ɛ.ŋr̥ɛ] | /ŋr̥ɛ.ŋr̥ɛ/ | ‘amarelo’ |

[r] vibrante, uvular, sonoro que se apresenta em *onset* ramificado após segmento sonoro.

| | | |
|-----------------|--------------|-------------|
| (093) a) [ŋgrɛ] | /ŋgrɛ/ | ‘ovo’ |
| b) [ŋgra] | /ŋra/ | ‘paca’ |
| c) [a.ŋgre.tʃi] | /a.ŋgre.tʃi/ | ‘tatu bola’ |

[ʀ] vibrante, uvular, surdo ocorre em *onset* ramificado após a consoante velar surda [k].

| | | |
|----------------|----------|----------|
| (094) a) [kʀa] | /kra/ | ‘cabeça’ |
| b) [kʀi] | /kri/ | ‘frio’ |
| c) [ti.kʀɛ] | /ti.kre/ | ‘casa’ |

[l] lateral, alveolar que ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial.

| | | | |
|----------|---------------------------|------------|------------------|
| (095) a) | [ˈfi.lɛ] ~ [ˈfi.rɛ] | /ˈfi-rɛ/ | ‘fino; estreito’ |
| b) | [ˈli.tʃi] ~ [ˈri.tʃi] | /ˈri-tʃi/ | ‘comprido’ |
| c) | [ka.ˈle.ne] ~ [ka.ˈre.ne] | /ka.ˈren/ | ‘fumo’ (LS) |
| d) | [ˈn̩.ti.lɛ] ~ [ˈn̩.ti.rɛ] | /ˈn̩ti-rɛ/ | ‘nome’ (LS) |

[r] tepe alveolar que ocorre como *onset* de sílaba inicial, medial e em *onset* ramificado após a fricativa glotal [h] e a nasal alveolar [n].

| | | | |
|----------|-----------|-----------|-------------|
| (096) a) | [ro.ˈro] | /ro.ˈro/ | ‘cupim’ |
| b) | [rʌ.ˈrʌ] | /rʌ.ˈrʌ/ | ‘fósforo’ |
| c) | [ta.ˈr̥i] | /ta.ˈr̥i/ | ‘raiz’ |
| d) | [ˈfi.rɛ] | /ˈfi-rɛ/ | ‘fino’ |
| d) | [ˈri.tʃi] | /ˈri-tʃi/ | ‘comprido’ |
| e) | [ˈhrõ] | /ˈhrõ/ | ‘esposa’ |
| f) | [ˈnr̥i] | /ˈnr̥i/ | ‘bicho’ |
| g) | [ˈnra] | /ˈnra/ | ‘tatu peba’ |

A lateral [l] está em variação livre com o tepe [r], e os demais segmentos estão em distribuição complementar. Assim representam um único fonema /r/.

❖ **Africadas:**

/tʃ/ africada palatal surda a qual se realiza em um único fone [tʃ] que ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial. Nos dados disponíveis o fonema /tʃ/ foi encontrado precedendo [e], [i] e [ɔ].

| | | |
|-------------------|----------------|-------------------|
| (097) a) [tʃe] | /tʃe/ | ‘coxa’ |
| b) [tʃi] | /tʃi/ | ‘grosso’ |
| c) [tʃe.tʃekˀtʃi] | /tʃe.tʃekˀtʃi/ | ‘martim pescador’ |
| d) [hˀwi.ri.tʃi] | /hˀwi.ri.tʃi/ | ‘pacu’ |
| e) [tɔ.tʃe.ˀti] | /tɔ.tʃe.ˀti/ | ‘ladrao’ |
| f) [ta.tʃe.re] | /ta.tʃeɾ/ | ‘bocejar’ |
| g) [tʃɔ.kɾɛ] | /tʃɔ.kɾɛ/ | ‘nome próprio’ |

A africada palatal surda [tʃ] é interpretada como fonema por estar em contraste com a alveolar surda [t] e a retroflexa surda [ʈ], como será mostrada adiante.

❖ **Aproximantes:**

/w/ aproximante bilabial apresenta-se em dois alofones: oclusiva bilabial não explidida [p̚] e a aproximante bilabial [w].

[p̚] ocorre em *coda* de sílaba precedendo segmentos surdos.

| | | |
|--------------------|----------|--------|
| (098) a) [rɔp̚.fɪ] | /rɔw.fɪ/ | ‘gato’ |
|--------------------|----------|--------|

| | | | |
|----|-------------------|-----------------|--------------------|
| b) | [rɔp̣ˀ.ta.ka.tʃi] | /rɔw.ta.ka.tʃi/ | ‘cachorro do mato’ |
| c) | [tʃɛp̣ˀ.tʃi] | /tʃɛw.tʃi/ | ‘peixe’ |
| d) | [tʃɛp̣ˀ.tʌ.tʃi] | /tʃɛw.tʌ.tʃi/ | ‘poraquê’ |
| e) | [rɔp̣ˀ.kʌ.tʌ.gʌ] | /rɔw.kʌ.tʌ.gʌ/ | ‘cachorro’ |

[w] ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial e em *coda* de sílaba que constitui uma palavra, como em 107 (c) e (d).

| | | | |
|----------|-------------|-----------|------------------|
| (099) a) | [ˈwã] | /wã/ | ‘tipo de coruja’ |
| b) | [ˈwa] | /wa/ | ‘eu’ |
| c) | [tʃɛ.wɛ] | /tʃɛw/ | ‘peixe’ |
| d) | [rɔ.wɔ] | /rɔw/ | ‘onça’ |
| e) | [wi.ti] | /wi.ti/ | ‘um’ |
| f) | [wɛ.ˈwɛ] | /wɛ.ˈwɛ/ | ‘borboleta’ |
| g) | [ku.ˈwi.ri] | /ku.ˈwir/ | ‘guariba’ |
| h) | [wʌj.ti] | /wʌj.ti/ | ‘pimenta’ |
| i) | [wi.ri] | /wir/ | ‘sapo’ |

/j/ aproximante palatal apresenta três alofones: a africada sonora [dʒ], a pré-nasalizada [ndʒ] e a aproximante palatal [j].

[dʒ] africada sonora ocorre em *onset* de sílaba inicial e medial com *núcleo* oral em variação livre com a pré-nasalizada [ʰdʒ].

- (100) a) [ʰndʒuj] ~ ['dʒuj] ~ ['juj] /juj/ 'beija-flor'
 b) [ʰndʒe.re] ~ ['dʒe.re] ~ ['je.re] /jer/ 'marido'
 c) [tʌkʰ.dʒa.ra] ~ [tʌkʰ.ja.ra] /tʌk.jar/ 'pena'
 d) [ʰndʒə.rə] ~ ['dʒə.rə] ~ ['jə.rə] /jər/ 'batata'

[j] ocorre em *onset* e *coda* de sílaba inicial, medial e final.

- (101) a) [-je] /-je/ 'marca de plural'
 e) ['jə.rə] ~ [ʰndʒə.rə] ~ ['dʒə.rə] /jər/ 'batata'
 c) ['juj] ~ ['dʒuj] ~ ['ndʒuj] /juj/ 'beija-flor'
 b) ['kəj] /kəj/ 'cima'
 d) ['wɛj] /wɛj/ 'mel'
 f) [ni.'haj] /ni.'haj/ 'longe'
 g) [ku.'tõj] /ku.'tõj/ 'minhoca'
 h) [ʰgoj.ta.tʃi] /ʰgoj.ta-tʃi/ 'mamão'
 i) [wʌj.ti] /wʌj.ti/ 'pimenta'
 j) [japʰ.tẽj.tʃi] /jaw.tẽj-tʃi/ 'batata doce'

A partir dos poucos dados analisados foi possível constatar que [j] está em variação livre com [dʒ] e [ʰdʒ] em *onset* de sílaba tônica. Por isso, são considerados como realizações de um único fonema /j/.

3.1. Situações especiais:

Incluimos aqui os segmentos [nr] e [nt], cujo estatuto não está claro.

A seqüência [nr] só foi encontrada em *onset* de sílaba inicial.

[nr]

| | | |
|----------------|-----------|-------------|
| (102) a) [nr̩] | /nr̩/ | ‘bicho’ |
| b) [nra] | /nra/ | ‘tatu peba’ |
| c) [nro.tʃi] | /nro.tʃi/ | ‘jenipapo’ |

[nt]

Nos poucos exemplos disponíveis nos dados coletados, [nt] ocorre predominantemente em posição de *onset* de sílaba inicial, mas foi registrado também como *onset* de sílaba medial.

| | | |
|---------------------|------------------|----------------------|
| (103) a) [ʰte.we] | /ʰtew/ | ‘morcego’ |
| b) [ʰtoj.ho.tʃi] | /ʰtoj.ho.tʃi/ | ‘urubu’ |
| c) [ʰtʌj.tʃi] | /ʰtʌj.tʃi/ | ‘pica-pau (espécie)’ |
| d) [ka.ʰte.ʰte.tʃi] | /ka.ʰte.ʰte.tʃi/ | ‘libélula’ |

e) [ˠti.'re] /ˠti.'re/ 'mãe'

Considerando-se que na língua há outras seqüências em que /r/ comparece como segunda consoante em *onsets* complexos em várias outras combinações com consoantes descontínuas (ou seja, com oclusivas e com nasais), optou-se por considerar que [nr] é uma seqüência dos fonemas /n/ + /r/.

A justificativa não se aplica à seqüência [nt] nasal + oclusiva. Por outro lado, tomar [nt] inicial como seqüência dissilábica cria uma estranha possibilidade de /n/ em núcleo silábico, que não encontra confirmação independente na língua.

A hipótese é de que [nt] pode ser uma forma arcaica. As línguas não escolhem elementos ao acaso, mas seus sistemas fonológicos são combinações ou conjuntos de oposições. O elemento complexo /nt/ se opõe a /t/ e também a /n/. Por exemplo:

| | | | |
|----------|-------------|------------|---------------|
| (104) a) | [ˠti] | /nti/ | 'nome' |
| | [ti] | /ti/ | 'osso' |
| b) | [ˠtʌj.'tʃi] | /ˠtʌj.tʃi/ | 'pica-pau' |
| | [nɔ.'tʃi] | /nɔ.tʃi/ | 'olho grande' |

Isto pode ser tomado como indicativo de que existem (ou existiram) outros elementos do mesmo tipo em outros pontos de articulação: haveria um /mp/ oposto a /p/ e um /ŋk/ oposto a /k/.

Em Tapayúna há dados em que [ˠt] varia com [ˠd] em sílaba medial. Por exemplo:

- (105) a) [ka.ⁿte.ⁿte.'tʃi] ~ [ka.ⁿde.ⁿde.'tʃi] 'libélula; helicóptero'
- b) [ka.ⁿte.'tʃi] ~ [ka.ⁿde.'tʃi] 'estrela'

Como mostrado anteriormente, [nd] varia com [n] em *onset* de sílaba com *núcleo* oral, como em: [nda] ~ [na] 'chuva'. Esta mesma palavra em outras línguas Jê ocorre ora com [t], ora com [nd], ora ainda com [n] ou com [d]. Mattoso Câmara (1959, p. 38-39) reconstrói protoformas radicais para algumas dessas línguas como [ʰta] e para outras como [ta] ou [tan]. Para o Suyá sugere o caminho: **nta* > *nda*. Os dados em (113) levam a supor que em Tapayúna o processo está em seu início.

Contudo, neste trabalho, a seqüência [nt] será provisoriamente tratada como seqüência de fonemas /n/ e /t/. Trata-se de uma questão que necessita ainda ser melhor investigada.

3.2. Demonstrações de contraste entre os fonemas.

A seguir os pares mínimos e análogos que demonstram contraste entre os fonemas da língua.

3.2.1. Fonemas consonantais:

/t/ : /tʰ/

| | | |
|----------|----------|----------------|
| [tʰ] | /tʰ/ | 'doente' |
| [tʰ.'tʰ] | /tʰ.'tʰ/ | 'experimental' |

/t/ : /n/

| | | |
|------|------|----------|
| [tʌ] | /tʌ/ | ‘doente’ |
|------|------|----------|

| | | |
|------|------|---------|
| [nʌ] | /nʌ/ | ‘lança’ |
|------|------|---------|

/t/ : /r/

| | | |
|----------|----------|--------|
| [tu.'te] | /tu.'te/ | ‘arco’ |
|----------|----------|--------|

| | | |
|----------|----------|-------|
| [tu.'re] | /tu.'re/ | ‘pai’ |
|----------|----------|-------|

/t/ : /tʃ/

| | | |
|-------|-------|----------|
| [tʰe] | /tʰe/ | ‘aranha’ |
|-------|-------|----------|

| | | |
|-------|-------|--------|
| [tʃe] | /tʃe/ | ‘coxa’ |
|-------|-------|--------|

/t/ : /tʃ/

| | | |
|-------|-------|-------------|
| [tʰe] | /tʰe/ | ‘carrapato’ |
|-------|-------|-------------|

| | | |
|-------|-------|--------|
| [tʃe] | /tʃe/ | ‘coxa’ |
|-------|-------|--------|

/n/ : /ɲ/

| | | | |
|----|------|------|-----------|
| a) | [nõ] | /nõ/ | ‘deitado’ |
|----|------|------|-----------|

| | | | |
|--|------|------|----------------|
| | [ɲõ] | /ɲõ/ | ‘posse (ptc.)’ |
|--|------|------|----------------|

| | | | |
|----|----------|----------|------------|
| b) | [ti.'nɛ] | /ti.'nɛ/ | ‘ariranha’ |
|----|----------|----------|------------|

| | | | |
|--|----------|----------|-----------|
| | [ɲɛ.'ɲɛ] | /ɲɛ.'ɲɛ/ | ‘cigarra’ |
|--|----------|----------|-----------|

/n/ : /ŋ/

| | | | |
|--|--------|------|----------------|
| | [ˈnʌ] | /nʌ/ | ‘lança’ |
| | [ɪŋgʌ] | /ŋʌ/ | ‘tipo de casa’ |

/n/ : /r/

| | | | |
|--|--------------------|------|---------|
| | [ˈna] | /na/ | ‘chuva’ |
| | [ˈra] ⁹ | /ra/ | ‘está’ |

/k/ : /ŋ/

| | | | |
|--|--------|------|-----------------|
| | [ˈkʰʌ] | /kʌ/ | ‘pele’ |
| | [ɪŋgʌ] | /ŋʌ/ | ‘casa do homem’ |

/k/ : /h/

| | | | |
|----|----------|-------|-----------|
| a) | [ˈku.ru] | /kur/ | ‘comer’ |
| | [ˈhu.ru] | /hur/ | ‘roça’ |
| b) | [ˈkɾi] | /kɾi/ | ‘frio’ |
| | [ˈhɾi] | /hɾi/ | ‘caminho’ |

/kʷ/ : /hʷ/

| | | | |
|--|----------|----------|---------|
| | [aj.kʷa] | /aj.kʷa/ | ‘boca’ |
| | [i.hʷa] | /i.hʷa/ | ‘braço’ |

⁹ Por exemplo: /i.ʔa ra ˈtʌ/ ‘ele está doente’

/w/ : /j/

| | | |
|------|------|------------------|
| [wa] | /wa/ | ‘eu’ |
| [ja] | /ja/ | ‘ptc (genitiva)’ |

/r/ : /j/

| | | |
|--------------------|------|------------------|
| [ra] ¹⁰ | /ra/ | ‘está’ |
| [ja] ¹¹ | /ja/ | ‘ptc (genitiva)’ |

3.2.2. Fonemas vocálicos:

/i/ : /e/

| | | |
|------|------|----------|
| [ti] | /ti/ | ‘osso’ |
| [te] | /te/ | ‘aranha’ |

/e/ : /ɛ/

| | | | |
|----|----------|---------------------|-------------|
| a) | [te] | /te/ | ‘carrapato’ |
| | [tɛ] | /tɛ/ | ‘perna’ |
| b) | [nte.we] | / ⁿ tew/ | ‘morcego’ |
| | [tɛ.we] | /tɛw/ | ‘peixe’ |

10 Por exemplo: /wa.ti ja tɛ/ ‘pé de milho’
 11 Por exemplo: /i.ʔa ra ‘tʌ/ ‘ele está doente’

/i/ : /ə/

| | | |
|----------|----------|----------|
| [ku.'ti] | /ku.'ti/ | ‘fogo’ |
| [ku.'tə] | /ku.'tə/ | ‘cheiro’ |

/ə/ : /ʌ/

| | | |
|-----------------------|---------------------|-----------|
| [k ^w ə.gə] | /k ^w ək/ | ‘peneira’ |
| [tʌ.gʌ] | /tʌk/ | ‘ave’ |

/u/ : /o/

| | | |
|-----------|-----------|---------|
| [to.'tʃi] | /to.'tʃi/ | ‘tatu’ |
| [tu.'tʃi] | /tu.'tʃi/ | ‘pombo’ |

/o/ : /ɔ/

| | | |
|---------|-------|-------------------|
| [ʔŋgoj] | /ŋoj/ | ‘panela’ |
| [ʔŋɔj] | /ŋɔj/ | ‘tipo de pássaro’ |

/ɔ/ : /ʌ/

| | | |
|----------|----------|-----------|
| [ro.'ro] | /ro.'ro/ | ‘cupim’ |
| [rʌ.'rʌ] | /rʌ.'rʌ/ | ‘fósforo’ |

/a/ : /ʌ/

| | | |
|---------|------|---------|
| a) [wa] | /wa/ | ‘eu’ |
| [wʌ] | /wʌ/ | ‘mato’ |
| b) [na] | /na/ | ‘chuva’ |

| | | | |
|------------------|----------|----------|-------------|
| | [nʌ] | /nʌ/ | ‘lança’ |
| /i/ : /i/ | | | |
| | [ˈti] | /ˈti/ | ‘osso’ |
| | [ˈti] | /ˈti/ | ‘semente’ |
| /i/ : /u/ | | | |
| | [ku.ˈti] | /ku.ˈti/ | ‘fogo’ |
| | [hu.ˈtu] | /hu.ˈtu/ | ‘mosquito’ |
| /e/ : /ə/ | | | |
| | [ˈte] | /ˈte/ | ‘carrapato’ |
| | [ˈtə] | /ˈtə/ | ‘amargo’ |
| /ə/ : /o/ | | | |
| | [ˈtə] | /ˈtə/ | ‘amargo’ |
| | [ˈto] | /ˈto/ | ‘folha’ |
| /ɔ/ : /ʌ/ | | | |
| | [ˈnɔ] | /ˈnɔ/ | ‘olho’ |
| | [ˈnʌ] | /ˈnʌ/ | ‘lança’ |
| /a/ : /ɔ/ | | | |
| | [ˈna] | /ˈna/ | ‘chuva’ |
| | [ˈnɔ] | /ˈnɔ/ | ‘olho’ |

/i/ : /ĩ/

| | | |
|-------|-------|---------|
| [ˈti] | /ˈti/ | ‘osso’ |
| [ˈtĩ] | /ˈtĩ/ | ‘carne’ |

/e/ : /ẽ/

| | | |
|-------|-------|-------------|
| [ˈte] | /ˈte/ | ‘carrapato’ |
| [ˈtẽ] | /ˈtẽ/ | ‘ir’ |

/ĩ/ : /ĩ/

| | | |
|-------|-------|-----------|
| [ˈtĩ] | /ˈtĩ/ | ‘semente’ |
| [ˈtĩ] | /ˈtĩ/ | ‘unha’ |

/o/ : /õ/

| | | |
|-------|-------|-----------|
| [ˈno] | /ˈno/ | ‘caracol’ |
| [ˈnõ] | /ˈnõ/ | ‘deitado’ |

/a/ : /ã/

| | | |
|-----------|---------|---------------------|
| a) [ˈkɾa] | /ˈkɾa/ | ‘filho’ |
| [ˈkɾẽ] | /ˈkɾẽ/ | ‘cabeça’ |
| b) [ˈma] | /ˈma/ | ‘fígado’ |
| [i.ˈmã] | /i.ˈmã/ | ‘direcional (ptc.)’ |

/i/ : /ĩ/

| | | |
|-------|------|------------------------|
| [ˈfi] | /ti/ | ‘carne’ |
| [ˈfi] | /ti/ | ‘unha; garra de bicho’ |

/i/ : /ẽ/

| | | |
|-------|------|-----------|
| [ˈfi] | /fi/ | ‘pequeno’ |
| [ˈte] | /tẽ/ | ‘ir’ |

/ũ/ : /õ/

| | | |
|-------|------|---------|
| [ˈmũ] | /mũ/ | ‘ir’ |
| [ˈmõ] | /mõ/ | ‘capim’ |

3.3. Os fonemas vocálicos orais e nasais da língua Tapayúna:

3.3.1. Fonemas orais:

Os fonemas vocálicos orais são em número de 10 e estão no quadro abaixo:

| | Anterior | Central | Posterior |
|----------------------|-----------------|----------------|------------------|
| Alta | i | ɨ | u |
| Média fechada | e | ə | o |
| Média aberta | ɛ | ʌ | ɔ |
| Baixa | | a | |

Quadro 11: Fonemas vocálicos orais.

3.3.2. Fonemas nasais:

Os fonemas vocálicos nasais são em número de 6 e estão no quadro abaixo:

| | Anterior | Central | Posterior |
|----------------------|-----------------|----------------|------------------|
| Alta | ĩ | ɨ | ũ |
| Média fechada | ẽ | | õ |
| Média aberta | | ɛ̃ | |

Quadro 12: Fonemas vocálicos nasais.

3.4. Os fonemas consonantais da língua Tapayúna:

A língua Tapayúna apresenta 15 fonemas que estão no quadro abaixo:

| | Labial | Alveolar | Retroflexo | Palatal | Velar | Glotal |
|-------------------------------|---------------|-----------------|-------------------|----------------|----------------|----------------|
| Obstruinte | | t | ɽ | tʃ | k | h |
| Obstruinte labializada | | t ^w | | | k ^w | h ^w |
| Soante nasal | m | n | | ɲ | ŋ | |
| Soante não-nasal | w | r | | j | | |

Quadro 13: Fonemas consonantais.

O quadro acima reflete o entendimento de que em Tapayúna não há oposição [+ contínua] x [- contínua] em nenhum ponto de articulação, sinal de que a oposição entre oclusivas e fricativas não existe na língua. Assim, todas integram uma única classe natural: obstruintes, sem distinção do traço [contínuo]. Isso torna muito mais clara a relação entre esses elementos, além de evidenciar outros fatos sobre a história da língua: é evidente que

a ausência de obstruintes com ponto de articulação *labial* está preenchido pelas glotais. Em outras palavras, o que é ou era *labial* em Proto-Jê ou em outras línguas Jê (um /p/ e um /pʷ/) é *glotal* no Tapayúna. Seguem abaixo alguns exemplos destas ocorrências.

| Português | Mebengôkre | Tapayúna |
|----------------|------------|---------------------|
| (106) urucum | pĩ | h ^w i |
| (107) pau | pĩ | h ^w i |
| (108) braço | pa | h ^w a |
| (109) tamanduá | pʌt | h ^w ʌtʃi |
| (110) mosquito | pu | hutu |
| (111) roça | puru | huru |
| (112) caminho | pri | hri |
| (113) esposa | prõ | hrõ |

Quadro 14: Exemplos da ocorrência de mudanças de sons em Mebengôkre e Tapayúna com tradução em Português.

3.5. A sílaba na língua Tapayúna:

De acordo com Weiss (1988:28), a sílaba pode ser constituída somente de um núcleo (vocóide, ditongo ou contóide silábico) ou núcleo e margem (contóide pré e/ou pós núcleo).

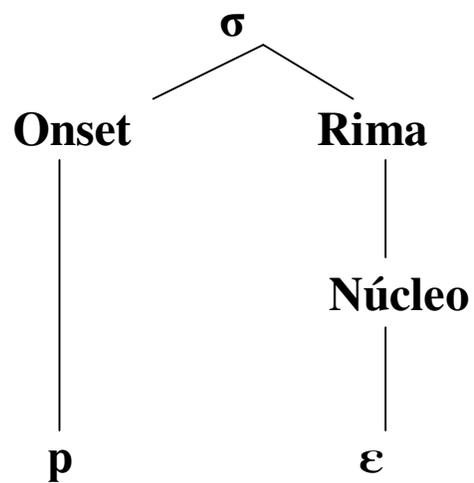
Aqui utilizaremos os termos *onset* e *coda* já constantes em Pike and Pike (1947) para identificar o que Weiss (1977, p. 28) chama de “pré-margem” e “pós-margem”, respectivamente. O núcleo mantém a mesma denominação.

O *Onset* da sílaba é formado por uma consoante ou mais de uma consoante – *Onset* Complexo ou Ramificado. A *Rima* contém uma vogal que é o *Núcleo* da sílaba e pode conter uma consoante (*Coda*).

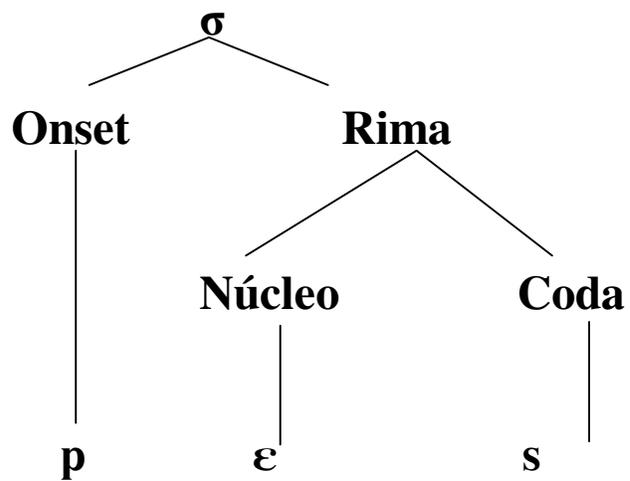
A estrutura binária da sílaba é representada em forma de árvore, e divide-se em duas partes: *Onset* e *Rima*. E a *Rima* ainda divide-se em *Núcleo* e *Coda*.



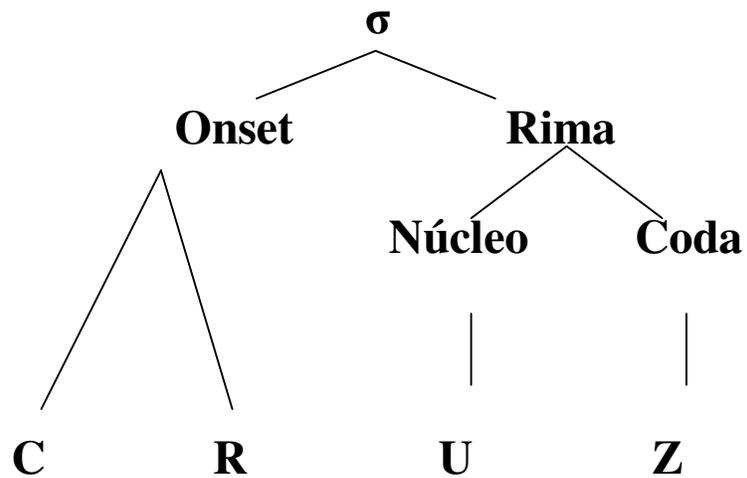
Quadro 10a: Esquema de sílaba constituída só de *núcleo*.



Quadro 10b: Esquema de sílaba sem *rima* ramificada.



Quadro 10c: Esquema de sílaba com *rime* ramificada.



Quadro 10d: Esquema de sílaba com *onset* e *rime* ramificados.

3.5.1. Estrutura silábica encontrada no Tapayúna:

Serão tratados abaixo os tipos de sílabas encontrados no Tapayúna.

1. Sílabas constituídas somente do *núcleo* (V):

| | | | |
|-------|-------------------|---------------------------|-------------|
| (114) | a) /a.ŋre.tʃi/ | [a. ^ŋ gre.tʃi] | ‘tatu bola’ |
| | b) /to.'a.kõ/ | [to.'a.kõ] | ‘quati’ |
| | c) /ɲi.'a.ti.tʃi/ | [ɲi.'a.ti.tʃi] | ‘veado’ |
| | d) /a.'o.go/ | [a.'o.go] | ‘direito’ |

2. Sílabas constituídas do *núcleo* e *coda* (VC):

| | | | |
|-------|------------------------------|---------------------------|-------------|
| (115) | a) /am.'to/ | [am ^ˀ .'to] | ‘rato’ |
| | b) /am.'kɛ/ | [am ^ˀ .'kɛ] | ‘direita’ |
| | c) /aj.aj.'k ^w a/ | [aj.aj.'k ^w a] | ‘boca dele’ |

3. Sílabas constituídas de *onset* e *núcleo* (CV):

| | | | |
|-------|-------------|----------------------------|----------------|
| (116) | a) /mi/ | [mi] | ‘pênis; homem’ |
| | b) /tʌ/ | [tʌ] | ‘doente’ |
| | c) /na/ | [na] ~ [n ^h da] | ‘chuva’ |
| | d) /ŋo/ | [ŋ ^h go] | ‘água’ |
| | e) /tu.'te/ | [tu.'te] | ‘arco’ |
| | f) /ka.'ŋɛ/ | [ka.ŋɛ] | ‘cobra’ |

4. Sílabas constituídas de *onset*, *núcleo* e *coda* (CVC):

| | | | |
|-------|--------------|-------------------------|----------|
| (117) | a) /ŋoj/ | [^h goj] | ‘panela’ |
| | b) /tam.to/ | [tam ^h .to] | ‘barba’ |
| | c) /kon.tʃi/ | [kon ^h .tʃi] | ‘jaboti’ |
| | d) /mej.ti/ | [mej.ti] | ‘abelha’ |
| | e) /rɔp.tʃi/ | [rɔp ^h .tʃi] | ‘onça’ |
| | f) /tʌk.tʃi/ | [tʌk ^h .tʃi] | ‘gavião’ |
| | g) /ror/ | [ro.ro] | ‘cupim’ |

5. Sílabas constituídas de *onset* ramificado e *núcleo* (CCV):

| | | | |
|-------|----------------|---------------------|----------------|
| (118) | a) /i.kra/ | [i.kɾa] | ‘meu filho’ |
| | b) /i.kɾẽ/ | [i.kɾẽ] | ‘minha cabeça’ |
| | c) /ŋɾɛ/ | [^h gɾɛ] | ‘ovo’ |
| | d) /ŋɾa/ | [^h gɾa] | ‘paca’ |
| | e) /hɾi/ | [hɾi] | ‘caminho’ |
| | f) /nɾi/ | [nɾi] | ‘bicho’ |
| | g) /ŋɾẽ/ | [ŋɾẽ] | ‘amarelo’ |
| | h) /ku.kɾi.ɾi/ | [ku.kɾi.ɾi] | ‘anta’ |

Os quadros acima mostram, de maneira bem geral, as posições que cada som pode ocupar dentro de uma sílaba da língua Tapayúna. As sílabas constituídas somente no núcleo não ocorrem isoladamente.

Como podemos ver, existem sons que só podem ocupar posição de *coda*, outros só podem ocupar a posição de *onset* e outros que só se apresentam em *onset* ramificado antes de certos fones, formando assim o *onset* ramificado ou complexo.

Os segmentos altos ambivalentes [ɥ] e [j] ocupam sempre a posição de *onset* de sílaba, assim como outros segmentos consonantais univalentes, por isso são considerados segmentos consonantais na língua Tapayúna e foram transcritos como [w] e [j] respectivamente.

3.6. O acento na língua Tapayúna

O acento na língua recai comumente na última sílaba do radical.

- | | |
|--------------------------------|---------------------|
| (120) a) /wɛ.'wɛ/ | ‘borboleta’ |
| b) /tu.'te/ | ‘arco’ |
| c) /am̃.'gɛ/ | ‘esquerda’ |
| d) /ku.'tʰi/ | ‘fogo’ |
| e) /taĩ ⁿ go'wẽj/ | ‘cuspe’ |
| f) / ⁿ go.rẽ.'tʰ/ | ‘remo’ |
| g) / ⁿ gʌ.ti.'rɛj/ | ‘criança’ |
| h) /ŋrẽ.'ŋrẽ/ | ‘amarelo’ |
| i) /te.hɔ.'tʰi/ | ‘tipo de carrapato’ |
| j) /ku.k ^w ej.'tʰi/ | ‘macaco preto’ |

| | |
|----------------|-----------------------------|
| k) /tʌḳˀ.tʃi/ | ‘gavião (espécie)’ |
| l) /ne/ | ‘ariranha’ |
| m) /ne.tʃi/ | ‘ariranha grande (espécie)’ |

Há casos em que o acento ocorre na penúltima e antepenúltima sílaba da palavra. Esta ocorrência deve-se a dois traços presentes em Tapayúna e que são característicos de outras línguas Jê, como Mebengôkre (STOUT & THOMSON, 1974; SALANOVA, 2001), Apãniekrá (ALVES, 2004), Suyá (SANTOS, 1997), Pykobiê – Timbira (AMADO, 2004).

1- O acréscimo ao radical de sufixos átonos ou morfemas clíticos como {-tʃi} ‘aumentativo’ e {-rɛ} ‘diminutivo’, {-je} ‘plural’, {=ra} ‘marca de sujeito’(?).

| | | | | |
|----------------------------------|-----------------------------|------------|---------------------------|------------------------|
| (121) a) / ^m tʌj.tʃi/ | ‘pica-pau grande (espécie)’ | cf. | / ^m tʌj/ | ‘pica-pau’ |
| b) /ku.tõj.tʃi/ | ‘minhoca grande’ | cf. | /ku.tõj/ | ‘minhoca’ |
| c) /rɪk.tʃi/ | ‘alto’ | cf. | /rɪk/ | ‘comprido’ |
| d) /h ^w i.rɛ/ | ‘pauzinho’ | cf. | /h ^w i/ | ‘pau’ |
| e) /fɪ.rɛ/ | ‘estreito’ | cf. | /fɪ/ | ‘pequeno’ |
| f) /me.mi.je/ | ‘homens’ | cf. | /me.mi/ | ‘homem’ |
| g) / ⁿ gʌ.ti.rɛ.je/ | ‘crianças’ | cf. | / ⁿ gʌ.ti.rɛj/ | ‘criança’ |
| h) /ŋrẽ.ŋẽ.tʃi.ra/ | ‘azul claro’ | cf. | /ŋrẽ.ŋrẽ/ | ‘amarelo’ |
| i) /ŋko.fɪ.rɛ.ra/ | ‘rio estreito’ | cf. | [ŋko/ | ‘rio’ e /fɪ/ ‘pequeno’ |

Observe-se que nos dados em (120) {-tʃi} ocorre lexicalizado com sentido de ‘grande’, como parte de palavras usadas para denominar determinadas espécies, ao passo que em (121) ele ocorre como um clítico ‘aumentativo’.

2 – Sílabas átonas finais formadas pelo acréscimo de uma vogal idêntica àquela acentuada da sílaba precedente (vogais eco).

| | | |
|----------------|-------------|------------|
| (122) a) /kir/ | [ki.ri] | ‘criação’ |
| b) /ker/ | [ke.re] | ‘não’ |
| c) /wer/ | [wɛ.rɛ] | ‘lagarto’ |
| d) /mir/ | [mi.ri] | ‘sol’ |
| e) /ku.kɾir/ | [ku.kɾi.ri] | ‘anta’ |
| f) /dʒɛr/ | [dʒɛ.rɛ] | ‘batata’ |
| g) /kʷɛr/ | [kʷɛ.rɛ] | ‘mandioca’ |
| h) /fir/ | [fi.ri] | ‘tripa’ |
| i) /kõr/ | [kõ.rõ] | ‘joelho’ |
| j) /ku.ɲõr/ | [ku.ɲõ.rõ] | ‘besouro’ |
| k) /tɛw/ | [tɛ.wɛ] | ‘peixe’ |
| l) /kow/ | [ko.wo] | ‘mosca’ |
| m) /rɔw/ | [rɔ.wɔ] | ‘onça’ |
| n) /tik/ | [ti.gi] | ‘preto’ |
| o) /tɬk/ | [tɬ.gɬ] | ‘ave’ |

| | | |
|--------------|-----------------------|------------|
| p) /kok/ | [k ^h o.go] | ‘vento’ |
| q) /kēn/ | [kē.nē] | ‘pedra’ |
| r) /ko.‘tũn/ | [ko.‘tũ.nũ] | ‘capivara’ |

Portanto o acento é previsível e não integra a forma da palavra no léxico. Por este motivo, na transcrição fonológica os sufixos átonos foram precedidos de hífen.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivos apresentar (1) um breve histórico do povo e um primeiro levantamento da situação da língua Tapayúna e (2) uma análise fonológica preliminar da língua.

O esclarecimento sobre a situação sociolingüística da língua Tapayúna é imprescindível para o entendimento das dificuldades encontradas para a realização da descrição preliminar da fonologia da língua.

Como colocado na introdução, os Tapayúna encontram-se sobre forte influência das línguas Suyá, Mebengôkre. Esta influência se torna ainda mais forte devido ao fato de que há uma semelhança estrutural muito grande entre as três línguas. Nesse contexto, a análise fonológica da língua apresenta dificuldades, razão pela qual consideramos esse trabalho ainda de natureza preliminar. A análise se baseou fundamentalmente em dados lexicais, e representa um esforço para detectar as características do “Tapayúna Tradicional” em relação às línguas Suyá e Mebengôkre.

Apesar do caráter preliminar do trabalho, este representa uma contribuição importante para o reconhecimento e conhecimento da língua Tapayúna. Espera-se que os resultados já alcançados permitam, desde logo, o estabelecimento de uma grafia da língua que seja mais próxima à língua original, tendo em vista auxiliar professores e o povo Tapayúna na recuperação de sua identidade.

Referências Bibliográficas

AMADO, R. S. *Aspectos morfológicos do Gavião-Pykojê*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP. 2004.

ALVES, F. C. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp / IEL. 2004.

BOSSI, B. *Viaje pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, Sn. Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributário Del grande Amazonas, côn la description de la província de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineraloyco y sus producciones naturales*. Paris. 1863.

CÂMARA, Jr. J. M. *Alguns radicais Jê*. Rio de Janeiro: Musel Nacional. 1959.

CAMARGO, N. S.; FERREIRA, M. N. O.. Montagem de um banco de dados da língua Tapayúna: termos da fauna e da flora. *In: VIII Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*, 2004, Belém. Anais do VIII Jornada de Estudos Lingüísticos. Belém: EDUFPA, 2004.

CAMARGO, N. S. Elaboração de um dicionário bilíngüe Tapayúna-Português. *Estudos Lingüísticos*. Franca: Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL), 2008, v. 37, p. 73-82.

CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e Morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 1987.

CUNHA, M. C. da. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP. 1992.

DAVIS, I. Comparative Jê Phonology. In: *Estudos Lingüísticos. Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, 1966, Vol. I, n. 2. p. 10-24.

D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. Tese (Doutor). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – SP. 1998.

DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2001.

FRANCHETTO, B. Laudo Antropológico. A ocupação indígena da região dos formadores e do alto curso do Rio Xingu (Parque Indígena do Xingu). MS. não publicado. 1987.

FRANCHETTO, B. O que se sabe sobre as línguas indígenas no Brasil. In: *Povos indígenas no Brasil*. RICARDO, C. A. (org.). São Paulo, Instituto Socioambiental, 2000. p.84-88.

KIBRIK; A.E. *The Methodology of Field Investigations in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1977.

KINDELL. G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília – DF: Summer Institute of Linguistics. 1981.

LEA, Vanessa R. *Kapoto: Laudo Antropológico*. Campinas: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. Brasília, Coordenada – Editora de Brasília, 1970.

MOORE, GALUCIO, GABAS Jr. O desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. *Revista Scientific American*, 2008, VOL 3.

NIMUENDAJÚ, C. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro: IBGE. 1981.

PAYNE, Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PIKE. K. L. *Phonemics. A Technique for Reducing Languages to Writing*. And Arbor: The University of Michigan Press. 3ª Edição. 1966.

PEREIRA, A. H. A pacificação dos Tapayunas. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo. (1967\1968). Vol. 15-16.

RIBEIRO, D. *Os Índios e a Civilização. A integração das populações indígenas do Brasil moderno*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda. 1977.

ROBINS, R.H. & E. M. UHLENBECK. (Eds). *Endangered Languages*. Great Britain: Billing & Sons Ltda, Worcester. 1991.

RODRIGUES, A.D. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola. 1986.

RODRIGUES, A.D. Macro-Jê. In: Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999. p. 165-206.

RODRIGUES, A.D. Para o Estudo Histórico-Comparativo das Línguas Jê. In: SANTOS. L. dos. & I. PONTES (Orgs.). 2002, p. 1-14 .

RODRIGUES, C. K. C.; FERREIRA, M. N. O. . Algumas considerações sobre a reconstrução da língua Tapayúna: uma discussão sob o ponto de vista da Lingüística Histórica. In: I CIELLA (Congresso Internacional de Estudos Lingüísticos e Literários na Amazônia), 2009, Belém. I Anais do I Congresso de Lingüística e Literatura da Amazônia, 2007, v. 1. p. 1-1.

SALANOVA, A. P. *A nasalidade em Mebengokrê e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação (Mestre). Instituto de Estudos da Linguagem - IEL. Universidade Estadual de Campinas – UNCAMP. Campinas – SP. 2001.

SANTOS, L. C. dos. *Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá (Kisêdjê) Família Jê*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

SANTOS, L. C. Eliminação de segmentos fonológicos na língua suyá. In: Santos, L. & Pontes, I. *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Ed. UEL. 2002. p. 131 - 133.

SEEGER, A.. A identidade étnica como processo: os índios Suyá e as sociedades do Alto Xingu. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro. 1977.

SEEGER, A.. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1980.

SEEGER, Anthony. *Nature and Society in Central Brazil. The Suyá Indians of Mato Grosso*. Cambridge: Harvard University Press. 1981.

SEKI, L. A Lingüística Indígena no Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, 2000, vol. 15, p, 257-290.

SEKI, Lucy. Evidências de Relações Genéticas na Família Jê. In: *Estudos Lingüísticos XVIII*, 36º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Lorena, 1989, p. 604-611.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2000.

SEKI, L. O krenak (Botocudo/ Borum) e as línguas Jê. In: SANTOS, L. dos. & PONTES (Orgs.), 2002, p. 15-40.

SEKI, L. Apresentação. In.: A língua dos índios Yawanawá do Acre. DE Paula, A.S. Maceió. EDUFAL, 2007, p. 17.

SCHWADE, E. Mozarildo e a Missão Caller. In. Agência de Informação Frei Tito para a América Latina-Adital: Em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=36378>. Acesso em: 22 de janeiro de 2010.

STOUT, M. & Thomson, R. Fonêmica Txukuahamëi (Kayapó). In. *Série Linguística* n. 3. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics. 1974. p. 153-176.

WEISS, H. E. *Guia de fonética articulatória. Brasília*. Summer Institute of Linguistics. 1977.

WURM, S.A. Language Death and Disappearance: Causes and Circumstances. In: ROBINS, R.H. & E. M. UHLENBECK. (Eds), 1991, p. 1-17.

Apêndice



Foto 01: Kàtykrytxi e sua primeira esposa (s/d).



Foto 02: Os velhos Tapayúna e suas esposas ao fundo (2009).



Foto 03: Casas de Tapayúnas na adeia Metyktire (2004).



Foto 04: Crianças Tapayúna na nova aldeia Kaweretikô (2009).



Foto 05: Nokêrê Tapayúna e Nayara Camargo (2009).



Foto 06: Wengrôj Tapayúna (2009).



Foto 07: Ôrengô Tapayúna (2009).



Foto 08: Wêtxi Tapayúna (2009).



Foto 09: Nangra Tapayúna (2009).



Foto 10: Kàtkritxi e Kòkòtxi (2009).



Foto 11: Wenetxi Tapayúna (2009).



Foto 12: Trabalho de campo com participação de Antônio Almir Gomes (2009).